

Violeta Branca Menescal Vasconcelos de Oliveira

REENCONTRO

POEMAS DE ONTEM E DE HOJE

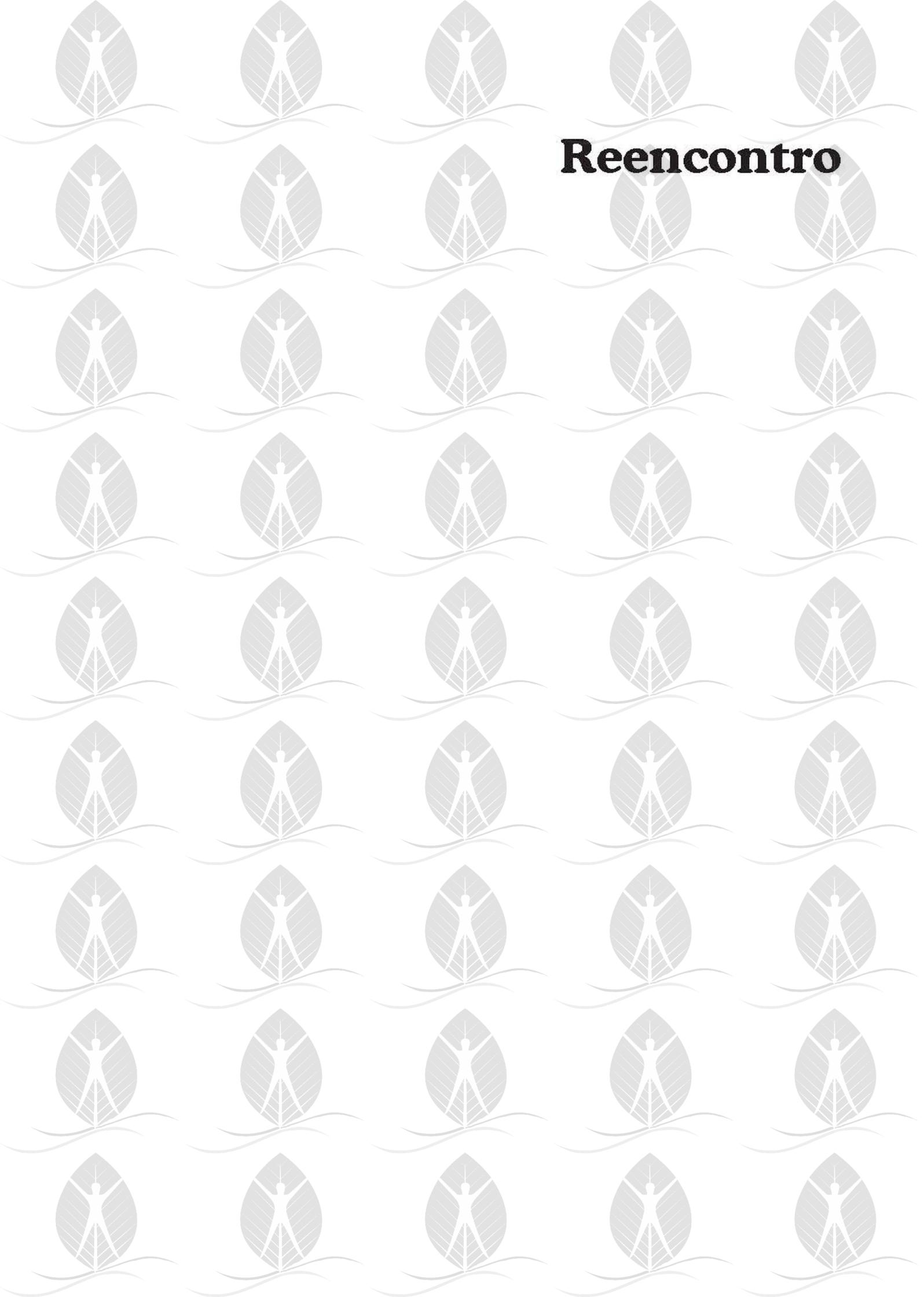
Coleção Pensamento Amazônico

Série Violeta Branca - v. 8

Manaus - AM

2012

Reencontro





DIRETORIA DA ALL – BIÊNIO 2012/2013

PRESIDENTE

ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

VICE-PRESIDENTE

ALMIR DINIZ DE CARVALHO

SECRETÁRIO-GERAL

CLÁUDIO DO CARMO CHAVES

SECRETÁRIO-GERAL ADJUNTO

ARMANDO ANDRADE DE MENEZES

TESOUREIRO

ABRAHIM SENA BAZE

TESOUREIRO-ADJUNTO

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO NETO

DIRETOR DE PATRIMÔNIO

MOACIR COUTO DE ANDRADE

DIRETORA DE EVENTOS

CARMEN NOVOA SILVA

DIRETOR DE EDIÇÕES

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Avenida Ramos Ferreira, 1.009

Cep 69010-120

Centro Manaus – AM



GOVERNADOR DO AMAZONAS

OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS

JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA

ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA

ELIZABETH CANTANHEDE

MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546

69005-141 – Manaus-AM-Brasil

Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357

Fax.: (92) 3233-9973

E-mail: cultura@culturaamazonas.am.gov.br

www.culturaamazonas.am.gov.br

VIOLETA BRANCA

Membro da Academia Amazonense de Letras

Reencontro

Coleção Pensamento Amazônico

Série Violeta Branca – V. 8



CULTURA



Edições
Governo do Estado

Manaus, AM

2012

© Academia Amazonense de Letras, 2012

EDITOR RESPONSÁVEL ¶ **Marcus Barros**

COMISSÃO EDITORIAL ¶ **Lafayette Carneiro Vieira**
Rosa Mendonça de Brito
Armando Andrade de Menezes
Luiz Maximiano Corrêa

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ **Jeordane Oliveira de Andrade**

CAPA E PROJETO GRÁFICO ¶ **Academia Amazonense de Letras**

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA ¶ **Gráfica Moderna**

REVISÃO ¶ **Sergio Luiz Pereira**

NORMALIZAÇÃO ¶ **Ediana Palma**

O48r Oliveira, Violeta Branca Menescal Vasconcelos de.

Reencontro: poemas de ontem e de hoje. / Violeta Branca Menescal Vasconcelos de Oliveira. – Manaus: Academia Amazonense de Letras. 2.ª edição / Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.

146p. : 15x21cm.

ISBN 978-85-64218-29-1

1. Literatura Brasileira. 2. Poemas. 3. Amazonas. I. Título.

CDD 869.1
CDU 821.1343(81)-1



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.

Sumário

- 27 POEMA AO TEMPO
29 REENCONTRO
31 MILAGRE POÉTICO
32 EXPLICAÇÃO
34 REUNIÃO EM FAMÍLIA
36 ANÁLISE
37 MEU CANTO
38 CONVERSA COM A MADRUGADA
40 NOTÍCIAS
41 APESAR
43 O FINAL ESPERADO
45 CLARINADA
46 CANTILENA EM SOL BEMOL
48 LIMITAÇÃO
49 TRANSCENDENTAL
51 DEPOIS DA VIAGEM
52 MINHA INUTILIDADE
53 A POESIA NOTURNA
55 APELO
56 NO FINAL DA CAMINHADA
58 DESEJO
59 MALABARISMO
61 MINHA VIAGEM NO SONHO
63 CONVERSA ÍNTIMA
65 ENTARDECER
66 UM MOMENTO MARINHO

67	BUSCA
69	POEMA A UM CAVALO MÁGICO
71	RECLUSÃO
72	PROPOSTA
74	REDENÇÃO
76	AOS EXILADOS
77	SAVEIRO SANTA MARTHA
79	PENITÊNCIA
81	O LEQUE
82	POMONA DE OUROPEL
84	POEMA DA HORA PERDIDA
86	LIBERTAÇÃO
87	POEMA EM 3. ^A DIMENSÃO
90	O PRESENTE
91	MEU DOGMA
92	MINHA ESPANHA
94	SUGESTÃO
95	DIVINA BÊNÇÃO
97	A PRESENÇA IMPONDERÁVEL
99	POEMA A UM CAVALEIRO DESARMADO
101	CANTILENA
104	PAUSA POÉTICA
105	ETERNA BUSCA
106	A CIGANA QUE EU SOU
109	A SOMBRA DO PECADO
110	CONTRASTE
112	POEMA PARA O GRANDE AMOR
113	O ABISMO
115	NUNCA MAIS, TUAS MÃOS...
117	ÍNTIMO

- 
- 118 ÊXTASE
119 INTROSPECÇÃO
120 CANTO DA AUSÊNCIA
121 NOSTALGIA
122 ETERNA AUDÊNCIA
123 EXORTAÇÃO
124 CÂNTICO DOS CÂNTICOS
125 NOVA LUA
126 POEMA DA ESPERA MARAVILHOSA
127 PLENITUDE
129 POEMA DE ALEGRIA PAGÃ
131 MARÍTIMO
134 NOVO MUNDO
136 ACALANTO
137 DIVINO DELÍRIO
139 CARÍCIA
140 PROMESSA EM CANTIGA
141 MEU HUMANO ESPELHO
142 NARCISISMO
144 UMA VEZ MAIS, SOMENTE

No centenário de uma flor

Max Carphentier

Centenário do nascimento de Violeta Branca, cem anos de uma flor mais duradoura que o mármore. A Academia Amazonense de Letras, que recebeu nela a primeira graça feminil-primaveril de seus umbrais, comemora o evento com este *Reencontro*, páginas que assinalam duplo regozijo: Violeta reencontrou-se mais Violeta e nós reencontramos nossa Flor. A partir do título, que já anuncia a recapitulação do inesquecível-amável, festejemos logo a magia inaugural do livro: cada poema aqui é uma esquina onde se encontram saudosas realidades, inesperadas confirmações do ser e da vida, retorno às provisões de eterno nunca extintas. Então sorriem as faces verdadeiras, identificam-se as vozes permanentes, retomam-se as veredas imortais, beijos retornam às estações perdidas.

Recordemos, como pórtico deste prefácio, que a obra poética de Violeta já mereceu a meditação de sábios da teoria literária. Já temos luzes suficientes para não perder nada dessa hora. Citemos. O professor Marcos Frederico Krüger, narrando o acaso feliz que o chamou para ouvir os *Ritmos de inquieta alegria*, diz assim: “Naquele instante, o Destino me oferecia um livro que eu sabia ser dos mais importantes da literatura no Amazonas”. Tenório Telles, também poeta, descobre: “Uma das marcas que melhor definem a poesia de Violeta Branca é a vitalidade, expressa numa ânsia desmedida de revelação da vida, de seu existir-no-mundo”. E quando Violeta foi capturada para os jardins de Deus, o multidisciplinar Newton Sabbá Guimarães faz suntuosa conferência na Academia, um sopro de erudição que criou horizontes mais

perfeitos para a contemplação da herança deixada pela que partira. Em dado instante, o mestre resolve de uma vez por todas o impasse taxonômico sobre a poética de Violeta ao distinguir: “Subjetiva, a sua poesia é mais que tudo romântica, enquanto que, com o abandono da rigidez acadêmica, cada vez mais presente, mostra-se modernista” (*Revista* n.º 23 da AAL). A acadêmica Carmen Novoa criou para ela um hipocorístico superlativo de homenagem e de ternura: Violetíssima.

Sob essas claridades, vamos ao *Reencontro*. Quem nos recebe na sala do prefácio é Genesino Braga, com sua palavra que sempre foi uma concentração de gorjeios, uma delícia que ensina essencialidades nas mais altas copas da beleza. Logo o percebemos em tríplice postura de leitor-devoto da musa. Ele tem uma *atitude teórica*: verifica o contexto histórico, mede a estatura dos versos, enquadra a obra nos cânones eleitos. Adota a *perscrutação filosófica*: contempla a Flor cumprindo o seu aroma entre as múltiplas aragens da existência; acompanha a jovem encantada pelo Tupã dos igapós e a mulher enamorada pelo Titã do mar; admira a poetisa na aventura das ascensões do sonho e das quedas das humanas contingências. Regozija-se na *fruição de esteta*: vibra abraçado às imagens sinestésicas; saúda as inebriadas construções do eu poético; comemora as paixões desnudas nos versos confessionais.

Genesino já assinou a carta do essencial, cabe-me referendá-la. E agradecer esta hora em que me junto a ele na aclamação secular de Violeta. Resta-me apenas salienta, ou talvez repetir, as virtudes mais evidentes na perpetuidade da autora. Ela salvou-se dos excessos modernistas, não procurando a contundência vazia nem permitindo deliberadamente o jogo do hermetismo. Conseguiu disciplinar a emoção, concentrando-a na medida certa tanto nas nênias quanto nas aleluias, e harmonizou-a com aquele toque

mágico da razão com o qual se pode dar voz ao indizível. Trata-se da linguagem sempre eleita (pela intimidade com os símbolos mais eficazes) para decifração da existência em seus enigmas, para compreensão do mundo em seus contrastes.

Este livro é uma espiral de vibrações universais que comovem pela sinceridade de suas volúpias ora nas regiões próximas do inefável, ora na carne crucificada no desejo, ora na alma gemendo na felicidade da esperança, ora na manhã que segue cantando para tombar depois em crepúsculo medonho. E o eixo poderoso dessas arquivoltas é simplesmente a vida, a vida que ama o sofrimento e se encanta com a morte antegozando já a ressurreição em Deus. E não se trata do gosto (nem aqui nem no livro) pelo paradoxo. Uma grande síntese, em qualquer dimensão (especialmente na poesia legítima como a de Violeta) será sempre uma pacificação de antinomias, uma harmonização de contrários dando origem a uma nova entidade de novos significados.

Destaco agora alguns dos poemas de que mais gostei. Em “Minha viagem no sonho” (“Vejo deslumbrada a minha Espanha,/ seu povo, suas ruas, praças, olivais/ a dança lasciva que acompanha a música gitana e as castanholas”) e em “Minha Espanha” (“Não sei bem de onde venho, mas sei que em mim fervilha/ o quente sangue espanhol, misto de audácia e ternura, de muito amor e de sol”) encontrei em Violeta súbita irmã no amor pela terra de Santa Teresa, das catedrais onde reza o coração das guitarras, do vinho que redime em seus eflúvios a penitência geral das sedes mais antigas. Lendo essas confissões, lembrei-me da canção *Violetas Imperiales*, de Francisco Arozemena, interpretação do *Quarteto Rufino*. Não sei se a poetisa a conheceu, se ouviu nela o seu nome dito na bela coincidência dos versos que traduzo assim: “Minha Violeta da Espanha, tu, em terra estranha, vives pela recordação daquele amor”

(Sim, Violeta da Amazônia e da Andaluzia, quem sabe tenhas vivido na Espanha, como eu tenhas vivido na Espanha, como eu tenho vivido, uma espécie de autoexílio emocional intermitente, nas tascas mais enfumadas e nos claustros mais austeros, em que a plenitude de viver é um êxtase andarilho que não escolhe lugar para elevar-nos). No “Cântico dos Cânticos”, ela adota o tom das páginas bíblicas para dizer a suma temporal-transcendental que pode ser profissão de votos na boca de todos os amantes: “Que importa a beleza, a morte/ a alegria e a dor,/ se eu tenho na minha carne a tua vida/ e tu tens, na tua alma, o meu amor?” (Sim, Violeta, o segredo da envolvente vitalidade da tua poesia é o transbordamento do teu existir no amor. O amor foi o teu Deus, e isto basta, porque Amor é multidão de amores, convergência de ruínas e de glórias, comunhão plena de tudo até a redenção final). Em “A Presença Imponderável”, ela se resigna: “Um dia eu serei apenas uma vaga lembrança/ um nome apagado, /um retrato e um poema guardados/ nas velhas coisas da família” (Não, Violeta, o tempo não pode nada contra quem tanto vibrou amando e deixou na arte as gerações estróficas nascidas desse amor. Ao contrário, ele sopra perenidade sujeita a ciclos de ressurreição, como está no teu centenário). Recebemos nossa Flor repleta de triunfos neste reencontro. As aragens do convívio celestial a tornaram mais Violeta, isto é, mais salvação vivida e realizada na poesia, antes sofrida, agora recitada também (brindai, harpas, brindai!) junto com os anjos nos confins de Deus.

Manaus, setembro de 2012.

Palavras no caminho do reencontro

Por *Genesino Braga*

(*Da Academia Amazonense de Letras*)

A poesia irrompeu em Violeta Branca na plenitude de sua adolescência. A neccssidade que tivera a moça amazonense, na segunda metade dos anos trinta, de fixar em versos o tormento físico que dentro dela se transubstanciava, ou sublimava, em inspiração e ideação poéticas, confirmava-lhe a predestinação de estrela. Ela era então muito delicada para se expor ao choque de uma revelação subitânea. Era, com a sua lirial adolescência e a naturalidade encantadora de sua beleza, uma alma que parecia trazer a prudência de se enconder em si mesma, ou o conselho íntimo de se não desnudar diante dos ímpetos líricos que a instigavam.

Mas uma aspiração indefinível talvez inata ao estro, uma inconformação inquietante talvez inerente à própria ânsia de Infinito, medravam na base da formação poética de Violeta Branca. Ela amava a vida e, dentro da vida, a glória elástica e harmoniosa dos movimentos, das formas, dos sons e das sombras, fazia-lhe transbordar a emoção. E a sentia, no fundo de sua natureza ainda insofrida, a melancolia íntima da felicidade material. O seu sentimento do mundo (o espírito em que residia a constante da sua predestinação poética) girava em torno o coração humano, embutido neste, para a integral felicidade, a alegria – “ion” divino e imortal que, único, pode iluminar a sombra de nossos destinos. Talvez medisse, a poetisa, a distância que há entre a angústia de um gojeio de ave escravizada e a alegria de cantar, ainda que seja a sua própria dor,

na amplidão infinita. Nascia com esse jogo sutil de sentimentos – e de imagens opostas – a poesia de Violeta Branca.

Há uma conotação de soberana afirmação intelectualista entre a forma poética de cunho modernista que Violeta Branca lavrou entre nós e a época em que produziu e publicou os seus primeiros versos. Era, então, pecado ousar, e ela ousou. Ela ousou para renovar, antes de ser moda renovar. Daí a posição excepcional que assegurou, para si, no movimento renovador da poesia, no Amazonas. Ao tempo, como já em muitos dos jovens da sua geração, certas radiações do Modernismo ter-lhe-iam ericado as ideias. Não estava, então, o meio intelectual amazonense, por alguma de suas expressões, de todo distanciado do movimento irrompido com a Semana de Arte Moderna, de São Paulo. Mário de Andrade já estivera em Manaus, recebendo aplausos, ou apupos. Abguar Bastos já houvera lançado o seu manifesto vanguardista intitulado “Flaminaçu”. Raul Bopp acabara de se abarracar, entre nós, para uns “putiruns”. Pereira da Silva já poetava nos moldes da escola nova, exaltando as coisas da terra, a gente nativa da terra. A revista *Redenção* de Clóvis Barbosa, abria as suas páginas para os corifeus (os de cá e os de lá) da Ordem Nova, ele próprio ali fazendo excelente literatura nos padrões vanguardistas.

Que teria Violeta Branca identificado na Ordem Nova em perfeita consonância com os seus sentimentos de jovem, de amazônida e com aquele seu “grandioso pensamento/ de idealismo e de renovação”?... Talvez isto: a libertação da poesia do presídio canoro das fórmulas acadêmicas; a elasticidade e amplitude das formas de expressão poética; a originalidade dentro da mais espontânea liberdade; e, quanto ao fundo, o sentimento nacional, o sentido da força bárbara e original da terra, a exaltação pura e simples da vida, da terra e do nativo brasileiro, – tal como pregava

o manifesto do Movimento Modernista irrompido em São Paulo em fevereiro de 1923. “Queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e a temeridade”, insuflava o papa do Credo Novo: Mário de Andrade.

Germinou, então, sob este signo, um dos primeiros poemas de Violeta Branca, justamente para exaltar o índio amazonense, realizando assim, tal como doutrinavam os apóstolos do Modernismo, “uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério”. Trabalhando no verso livre dos cânones sagrados, solto no metro, no ritmo e na rima e totalmente impregnado de movimento, de linhas em desalinho, espontâneas e elásticas, trepidantes e ousadas, como estava aos novos a mecânica da vida moderna de então, mudando todas as coisas (“O ritmo de meus poemas/ é igual às asas/ que não se prendem em algemas” – poesia em *Ritmos*), assim foi o “Poema Agreste”, que veio em terceiro lugar no seu livro *Ritmos de Inquieta Alegria*, publicado em 1935:

*Guerreiro audaz, que te enfeitas
de penas coloridas e cobras coleantes,
que andas com o corpo,
ágil como flechas
e moreno como o sol
inteiramente nu,
pela frescura da sombra na floresta;
que puseste no olhar das onças
o fogo vivo de teus olhos selvagens;
que deixaste a tua voz se perder concretizada no perfume
[das flores escondidas,
é em ti, índio de minha terra
na tua forma esplêndida e viril*

*e nos teus músculos
feito de raízes,
fortes como as águas e os cipós,
que se encerra
toda a esperança glorificada do Brasil.*

Outros poemas de *Ritmos de Inquieta Alegria* nos mostraram Violeta Branca do mesmo modo voltada para a gente, as coisas e as paisagens da terra. Em “Minha Lenda”, fala em igapós, em vitórias-régias, no canto do Irapuru, na pedra Muiraquitã, na “glória de ser Iara”, nos “olhos de luar de Tupã”. “Eu quisera ter os braços muito longos,/ mais longos que as palmeiras esguias destas zonas,/ maiores que as cobras-grandes,/ maiores, até que os rios,/ que retalham o Amazonas...” – cantava no poema “Dois tankas de minha terra”. E para quê?... “para abraçar e apertar/ contra o meu peito,/ a poesia das lendas que ela encerra...”, – respondia, numa exaltação ao seu pago natal, nisso seguido a pregação do movimento modernista “pau-brasil”, de retorno ao primitivo em estado de pureza, sem nenhum compromisso com a ordem social estabelecida. E assim ela se nos revela em “Vitórias-Régias” (“sobre as águas espelhantes dos igapós/ na pátria verde das Iaras...”); em “Símbolo” “É porque nasci no Amazonas/ que tenho a alegria das cachoeiras,/ a minha voz/ o ritmo das águas rolando sobre as pedras,/ e os meus olhos são dois muiraquitãs,/ com a fosforescência dos olhos das onças...”); em “A Vela que Passou”, poema de imensa ternura que recebeu música de Waldemar Henrique e fora aplaudido em Paris na interpretação da soprano-lírico Maria Helena Coelho Cardoso. Mas não só a terra, a paisagem, o homem, as coisas amazônicas inspiravam Violeta Branca em seus versos. Também o mar (“Nasci tão longe de ti, Mar,/ porém, tu, com a tua magnitude,/ deste a tua bênção verde

ao meu olhar...”), também o vento (“Vento doido/ Quero aprender o teu sonho de angústia na vertigem descompassada/ da tua dança veloz”), também a noite (“a noite é tão fria,/ que se tem a impressão de que alguém,/ soprando o cálamo selvagem,/ toca a sonata da melancolia”). Ela cantou, igualmente, em versos cheios de beleza e originalidade, o seu próprio Eu, o físico e o imaterial: “O meu corpo é jovem como as alvoradas,/ que se renovam dia a dia”; “O meu sangue é o rio da vida a correr dentro de mim”; “Os meus pensamentos se irmanam/ num só grandioso pensamento/ de idealismo e de renovação”; “Meus cabelos têm o reflexo do sol/ na escuridão das matas/ e o perfume agreste das orquídeas...”; “Minhas mãos sugerem gaivotas voando pelas praias,/ ou lenços brancos/ dizendo adeus a quem se vai”; “Eu tenho sangue de sol e alma de bruma”; “Sou um poema humano/ escrito com a água dos rios e o sumo dos frutos silvestres”. E divinizou o amor: “A minha mocidade vibra,/ dilata-se,/ num hino triunfal de alegria ao amor!”.

Os poemas que a musa amazonense reunira em *Ritmos de Inquieta Alegria* tiveram os encômios de um dos pontífices das letras pátrias, prestigiosa figura da Academia Brasileira de Letras: Rodrigo Octavio, que neles vira (não obstante sua posição antagônica ao movimento modernista) “versos heroicos, triunfais, nervosos”, para em seguida acentuar, no longo texto com que prefaciara o livro: “a leitura deles me encantou, como encantará a quem os tome em momento de plena disposição de espírito. Neles, há na vibratilidade de seu ritmo, onde se imagina, por vezes, o enroscar das cobras na rugosidade de um tronco, sente-se a palpitação de um sentimento, que é a alma do verso”. E mais adiante: “Nos seus versos há poesia e, no ritmo que lhes sabe dar, sem respeito às regras clássicas do metro, mas, também, sem o desequilíbrio transbordante dos que levam a anarquia ao extremo da assimetria, há música, há suavidade, há harmonia,

enfim, enriquecidas, por vezes, da graça de rimas irregulares e díspares”. E o plenipotenciário das letras amazônicas, o nosso saudoso mestre Péricles Moraes (outro que também não fazia concessões ao Modernismo), dedicando ao livro extenso texto crítico, sob o título “Exaltações da Poesia Tropical”, escrevera: “Na Amazônia, pode se dizer, Violeta Branca é a poetisa supersensível e reflamejante que lhe domina os horizontes da literatura. *Ritmos de Inquieta Alegria* é um livro de delicadezas. Dentro das suas emoções se desdobram os refohos de sua alma de artista e em cada uma de suas páginas, na metamorfose das imagens transbordantes de vida, sente-se a calentura, a dormência, o estudo, o ímpeto, o frêmito voluntário dos trópicos; e, simultaneamente, os frêmitos secretos e os ímpetos bravios de uma alma, as angústias de um coração, o frenesi dos espíritos que a inquietude convulsiona”.

O sucesso que Violeta Branca alcançara com os seus versos, levando-a, inclusive, a ser recebida, em reunião dos Imortais, na Academia Brasileira de Letras, – e ali apresentada e saudada pelo acadêmico Rodrigo Octavio, – fê-la ascender a uma cadeira da Academia Amazonense de Letras, – a Cadeira de n.º 28, de que é patrono Aníbal Teófilo, – onde fora recebida pelo próprio presidente do sodalício: Péricles Moraes.

Laureada acadêmica, glorificada pela crítica, seus versos passaram a acupar os espaços nobres dos jornais e revistas de Manaus e de alguns dos mais conceituados da capital da República, com ilustrações sugestivas e ricas. Até que um dia, bem como seus versos, “o deus lendário da Amazônia,/ sentindo o amor palpitar no meu canto/ transformou-me em mulher”. Perdida, então, a “glória suprema” de ser Iara, a musa contraiu matrimônio e ainda como na sentença do seu deus lendário, não ficou mais um dia sequer”, entre nós.

Emudecera, então, a voz que tinha “o ritmo das águas rolando sobre as pedras”.

Emudecera?...

Enganou-se quem supunha emudecido aquele ardente estro poético da adolescência, em Violeta Branca. A inspirada poetisa, por todos estes tempos de singradura em seus agitados mares da vida, jamais perdera uma centelha sequer daquele fogo da imaginação criadora que a fizera engastar, em versos de graciosa tessitura, as peregrinas de sua prodigiosa concepção. Nem a chama da beleza espiritual, que tanto inflamara o sentimento de estesia, ao menos se atenuara ou arrefecera, daquele poder de transubstanciação de ideias, de pensamentos, de fantasias, exuberantes nas suas formas de expressão poética.

Volta-nos, agora, com os seus poemas, – novos poemas – a fascinante poetisa amazonense. E volta-nos com outro livro de poemas, estes compostos no decurso de seu longo recolhimento a um mundo que absorvera a sua alma delicada e sensível, protegendo-a com as imagens que ia modelando em seu segredo de amor e felicidade.

Intitula-se *Reencontro* este livro de poemas com que, agora, a poetisa querida dos amazonenses de ontem vai tomar o seu lugar no coração dos amazonenses de hoje. Reencontro com os que soubemos entendê-la e senti-la em suas emoções densas e trepidantes, em sua inquietude irreprimível e nas formas puras de expressá-las e vivê-las através de seus versos; e não reencontro com a poesia, que esta, em sendo-lhe congênita, sempre subsistiu em força e substância dentro da sua alma, no mundo maravilho-

so em que se refugiou, nimbada pelo clarão privativo dos seres predestinados.

Em *Reencontro*, há neste livro versos de ontem e versos de hoje, mas estes em número consideravelmente superior. E é por estes, sim, que reencontramos a poetisa na plenitude de sua essência emocional, agora mais vivida, mais humana em seus deslumbramentos e no pleno domínio de razões estéticas mais profundas e concisas. Poemas no-los traz Violeta Branca, neste seu novo livro, dos quais as imagens, de tão nítidas e lúcidas, soltam animadas e espontâneas para integrar-se no ritmo da verdade viva e presente. No mundo rico e colorido das suas concepções, vamos encontrar, entre estas páginas, os mosaicos translúcidos da sua surpreendente imaginativa, tais como “flexas de sol”, “o sangue das estrelas”, “peixes de ouro”, “lâmpadas de sonho”, “sandálias de musgo”, “espada feita de luar”, “desejos já consumidos”, “palavras de gelo e de sol”, “deusa de asas e patas sangrando”, “beijos dados sem gosto”, “miçangas de sóis extintos”, “canções trazidas das distâncias” e “o sol escondido no peito/ como uma flor rescendente/ num fim de tarde outonal”.

“Deita na rede branca dos meus braços”, “meu beijo alimenta como pão”, “sou fragmento de som que não possui melodia”, “tenho ânsia de beber nas tuas mãos morenas/ o sangue das estrelas, dos amores, das verbenas”, – são algumas das pérolas que rolam da impetuosa imaginação poética de Violeta Branca, respigadas, aqui, ali, de seus recentes poemas. “Amo em ti minha própria presença, a continuação de minha alma nos teus gestos,/ a liberdade do meu pensamento nas tua ideias”, verseja ela em “Narcisismo”. Em “Música silenciosa”, sussura: “Meus dedos trouxeram/ o morno perfume do teu hálito/ e a música silenciosa do teu beijo”. Suplica no “Divino delírio”: “Deixa-me beber na tua mão o vinho mágico/ da vida criadora da beleza e da emoção”. E chora, desiludida, em “Re-

clusão”: “Minhas mãos carregam séculos de bondade e de ternura,/ mas não encontro terreno/ para plantar o amor,/ nem um recanto discreto/ para semear o que sinto”.

Por onde teria andado a poetisa?... Que fizera nossa inquieta sonhadora, por todo este tão longo tempo de sua ausência da lavra ostensiva da Poesia?... É o que nos responde através do poema “Reencontro”, com que inicia a coletânea deste livro e a este empresta o nome. A viagem que empreendera pelo País dos Sonhos, ali a descrevera, de alma serena, sem ressentimento e sem amargor. E também a sentir clamarem-lhe no sangue o desejo e a volúpia de reencontrar-se. Ela conta, então, que na curva da lua nova perdera os seus sapatos (“Percorri tantos caminhos...”); nas cordilheiras geladas procurava a rosa branca; fizera as milhas encantadas que o mar lhe convidou; seguira o rumo das águias em busca da liberdade; no chão áspero criara raízes de amor profundo; de manso tecera a renda feita de sol e neblina. E a seguir confessa: “Fui estrela refletida no limo dos igapós,/ bebi o vinho das noites,/ afundei nas madrugadas,/ fui água de cachoeira,/ vento malsão nas marés,/ calvaguei nuvens escuras,/ abri as portas à chuva,/ tive voos de condores/ e rastejos de serpente”. E mais: “Conheci homens e feras/ unidos na mesma essência,/ cantei canções às abelhas,/ dei o meu rosto ao sereno, meu gesto dei ao perdão”... E no mais encantador lirismo: “Meu pranto regou os campos, os peixes me namoram”.

Mas prossegue a narradora iluminada: “Criei um deus sem complexos,/ fiz milagres de ternura,/ ganhei trófeus e palavras./ Contornei ilhas e portos,/ equilibrei-me em abismos,/ fui amante do pecado,/ noviça pura e fremente./ Rasguei silêncios e veias,/ preguei no deserto imenso,/ desembainhei a espada e degolei a ignorância./ Depois, ofereci aos humildes/ a verdade do que penso”.

E conclui, Violeta Branca, o seu formoso poema autobiográfico do seu itinerário do sonho poético, enunciando os seus desígnios:

*Agora quero outra vez recompor a minha forma,
recolher os meus pedaços,
novamente ser mulher.*

E indaga, então, desarvorada:

*Mas onde encontrar minha presença,
meus passos, gestos e gritos,
minha fala, meu suor,
a ideia apregoada de todo o amor maior:
na curva da lua nova,
entre os seres aflitos
ou na amarga solidão?*

Reencontramos Violeta Branca – uma nova Violeta Branca – mais vivida, mais sofrida, mais densa de emoção e de fulgor espiritual e ainda mais requintada de sensibilidade e de paixão humana, nos poemas deste seu livro de agora.

E reencontramos, nestes versos de *Reencontro* ainda anseios da alma daquela Iara “triste e bela”, “branca como as areias e as espumas”, de quem Tupã, “o deus lendário da Amazônia”, um dia se enamorou, “à sombra de um igapó escuro e parado”, para depois, enciumado, a castigar, transformando-a em mulher, – como na doçura do poema “Minha Lenda”, dessa nossa bem-aventurada sonhadora.

POEMAS DE ONTEM

Poema ao tempo

Peço licença ao tempo
para fazer poesia,
falar de ontem, de hoje,
do amanhã novo dia,
nova aurora, cortesia
de Deus para quem já sabe
como eu, tudo o que cabe
dentro de uma existência.
No momento que se abre
sem a doce interferência
das melhores ilusões,
não me prendo nem me acabo,
nao me esmago ou desabo
do alto das sensações.
Meu futuro é o presente,
meu presente é o passado,
do cacto não colho a flor
mas o espinho envenenado.

Peço licença ao tempo
para fazer o que quero
antes que a noite chegue
e o pouco que ainda espero
se dissolva num silêncio aterrador.
Peço licença ao tempo
para esbanjar os meus afetos
e dividir com os diletos
amigos do coração
a farta messe de amor
que cultivo na solidão
dos meus íntimos segredos.
Peço licença ao tempo
para elevar a minha voz
enquanto a mente sossega
livre de sofrimento
quase em voo de alegria
e dentro de mim se apega
o resto do encantamento,
que veio de três mil sóis
para deixar nos caminhos
que caminho, a poesia.

Reencontro

Na curva da lua nova
perdi os meus sapatos
percorri tantos caminhos...

Nas cordilheiras geladas procurei a rosa branca
– todo sonho é uma rosa nascida entre espinhos –
Fiz as milhas submersas que o mar me convidou,
segui o rumo das águias

em busca da liberdade;
no chão áspero criei raízes de amor profundo,
de manso teci a renda feita de sol e neblina,
fui estrela refletida no limo dos igapós,

bebi o vinho das noites,
afundei nas madrugadas,
fui água de cachoeira,
vento malsão nas marés,
cavalguei nuvens escuras,
abri as portas à chuva,
tive voos de condores e rastejos de serpentes.

Conheci homens e feras unidos na mesma essência,
cantei canções às abelhas,
dei o meu rosto ao sereno,
meu gesto dei ao perdão.

Meu pranto regou os campos,
os peixes me namoraram,
guiei barcaças no mar.

Criei um deus sem complexos,
fiz milagres de ternuras,
ganhei troféus e palavras;
contornei ilhas e portos.
equilibrei-me em abismos
trouxe à tona sonhos mortos.
Rasguei silêncios e veias,
preguei no deserto imenso,
deseembainhei a espada
e degolei a ignorância.
Depois ofereci aos humildes
a verdade do que penso.
Agora quero outra vez
recompor a minha forma,
recolher os meus pedaços,
novamente ser mulher;
mas onde encontrar minha presença,
minha fala, meu suor
a ideia apregoada de todo o amor maior,
na curva da lua nova
entre os seres aflitos,
ou na amarga solidão?

Milagre poético

Como um pássaro perdido
à luz de um dia aberto
a inspiração pousou
no silêncio do meu deserto.
Logo tudo criou vida,
as pedras viraram estrelas
as flores criaram asas,
e foram brincar com os anjos.
Meus pés que pisavam brasas
sentiam o fofo da relva,
e o vento vindo de longe
trouxe o aroma da selva
cheia de orquídeas e baunilhas
da minha terra distante.

Explicação

E tenho a letra nervosa
de quem não sabe o que quer.
Às vezes fico enlevada,
mística e acorrentada
às coisas simples, ao solo,
e como doce mulher
faço milagres de afetos,
amo, amparo, consolo.
e acarinho em discretos
momentos de introversão.
Outras me exalto e rebelo,
nada quero do que tenho,
sonho em linha vertical,
o convite do chão desdenho,
só desejo o que é belo,
fascinante, longínquo, dimensional
que prescrito bem longe de mim.
Subo então em anos-luz
mais além dos arcos-íris
das galáxias azuis,
até explodir no infinito
como um gesto, um canto, um grito,
uma estrela inesperada de fosforescente esplendor.
Aos poucos vou novamente
sentido a atração da terra,

e volto com a minha dor
de burguesa penitente
às coisas simples e mansas,
a me dar com muita crença
a quebrar muros e lanças
para ficar em silêncio
olhando o mundo enlevada,
lírica e sentimental,
até que venha outra vez,
o impulso irresistível a uma nova escalada
ao sistema sideral.

Eu tenho a letra nervosa
de quem não sabe o que quer.

Reunião em Família

Na roda da sala
a fala não cala
embora os presentes
exijam silêncio.

A voz continua
áspera e insólita
abrindo lembranças
nas fracas memórias
trazendo verdades,
motivos amargos
que a força do tempo
não pode aplacar.

Nas face perplexas
se ajustam a surpresa,
o medo e a angústia
por verem os fatos
não foram esquecidos
dormiam escondidos
nos vales profundos.

A fala
ecoando áspera
na roda da sala
traz explodindo
a dura verdade
de todo um passado

excluído o negado
na hora presente.
Cabeças se curvam,
mãos se levantam
batendo no peito:
Minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa.
Agora na sala
subindo em escala
de sons doloridos
se ouve o gemido
que é a prece e a desculpa
de todos na roda
contritos ouvindo
as fracas palavras
que tanto queriam
que fossem esmagadas
no fundo da noite
no abismo da morte.

Análise

Usando a experiência do passado
me enalteço no agora.
Faço do presente a hora
das minhas verdades reprimidas.
Abro a mente às controvérsias
e deixo que de mim saiam os recalques
e livre das carências e das mágoas
ingresso num claro amanhecer,
imprimindo na mente os decalques
de u novo e límpido viver.

Meu canto

Quero cantar o meu canto
antes que outros venham
dizer as coisas que eu sinto,
sofrer as mágoas que eu sofro,
erguer a voz nas quebradas
glorificando o perigo
deste amor que se faz tanto
que em mim não cabe mais.
Quero fazer do meu canto
guerra e paz num só momento,
sol de outono em primavera,
pedra e flor no fragmento
da emoção que me abrasa.
Quero cantar o meu canto
todo ele por igual,
agora enquanto a brasa
crepita no vendaval,
e a minha voz é tão forte
como o trovão e o vento,
e o amor é o sentimento
que me liberta da morte.

Conversa com a madrugada

Madrugada, madrugada, tão longe de mim estais,
sou feita de entardecer,
de noite pronta a chegar,
de sons de cristais
partidos, de ventos que vêm do mar
trazendo apelos aflitos
de quem está se afogando.

Madrugada, madrugada,
me dá além das tuas cores
os teus hinos e os teus gritos
de guerreira nas volentas batalhas do amanhecer,
quando as trevas insistem e brigam
com a luz do teu poder.

Madrugada, madrugada, amiga dos meus sonhos,
nos teus espelhos solares
quisera me ver de novo
como a flor desabrochada alimentada por ti,
vestida com os teus encantos,
encantos que tanto louvo.

A noite me abre as portas,
caminho ao seu convite,
não vejo nada que evite
a minha chegada às comportas
que represam as águas do tédio.
Madrugada, madrugada,

teu amparo é o meu remédio,
me traz com a graça do dia
a ilusão de que volto
a bendizer a alegria,
a mergulhar nos teus rios
e a sair das tuas horas
como os ventos vadios
correndo soltos, libertos
pelas distâncias sem-fim.
Madrugada, madrugada, faz, eu te peço, de mim
tua afilhada e me leva
nas tuas andaças de luz
pelos céus, pelos caminhos,
sem o peso desta cruz
de me ver distanciada de ti e da tua glória,
com a noite imensa chegando
e me cobrindo de sombras.

Notícias

Vento que vens de longe
nas horas de maré alta,
vento que nunca trazes
notícias de quem me falta.
Vento que já passaste
entre veleiros nos portos,
em ti só escuto as palavras
de saudade dos meus mortos.
Vento de mãos abertas
abrindo as salas desertas
onde guardo o meu sossego,
leva contigo esta angústia
que me atormenta e exalta
mais o desejo e o apego
que tenho por quem me falta.

Apesar

Apesar dos meus fracassos
e dos dias sem triunfos,
ainda alcanço os astros,
abro arco-íris nas brumas,
jogo forte e guardo os trunfos
para no instante final
sair cantando vitórias.

Não tenho medo das coisas
que surpreendem os meus passos,
das esperanças inglórias,
dos amores acabados.

Sou ágil como os felinos,
sei fugir dos embaraços
e encher de ideias novas
todo o vazio dos espaços.

Vejo o parto das manhãs
bendizando o dia-filho,
apesar do meu espelho
não revelar no brilho
boas coisas no presente
nem projetos para o futuro.
Apesar dos meus fracassos,
do tempo longo e escuro,
das cismas e depressões,
da solidão dos caminhos,

das salas grandes, vazias,
das exaltadas revoltas,
da ausência de cantigas,
conheço do mundo as voltas,
as verdades tão antigas
como o princípio das horas.
Assim sendo, abro os braços,
abranjo tudo o que quero,
me cubro de poesia
faço da vida um fonte
e envio um beijo sincero
– mensagem do meu afeto
aos confins do horizonte
a quem como eu, seja forte,
que, apesar do fracassos
alcance sorrindo, estrelas,
e erga a luz solar
açém da alma, afronte.

O final esperado

O homem se descobriu
e se tornou luz, promessa, força, amor,
venceu a dimensão
na glória da inteligência,
purificou a existência
da carne, pela união,
transformou o humilde grão
em saboroso alimento,
subjugou a tragédia,
criou formas de beleza.
estilos novos na arte,
modelou com pedra, ouro e aço,
pontes, palácios, igrejas,
fatigou a poesia
em busca da inspiração,
uniu os povos na guerra
pelo desejo da paz.
Mudou planícies desertas
em cidades colossais,
fez milagres na ciência
navegou mares e rios
descobrindo continentes,
revelou novas estrelas
no sistema sideral,
escalou altas montanhas,

viveu horas de ambição
e pleno deslumbramento,
penetrou vitorioso nas entranhas
da terra e dos oceanos.
Teve asas e distâncias,
petróleo, bombas e transplantes,
foguetes, raios atômicos
e naves espaciais,
pisou o solo da lua
viu a terra azul e nua
tão mesquinha no universo
projeto no mundo a sombra
da própria luz magnífica
mas aos poucos, lentamente
vai acabar se perdendo
nos escuros labirintos
de soturnas ressonâncias,
onde um deus transfigurado
de asas e patas sangrentas
abre as portas malditas
da violência e do medo,
da agressão, da injustiça,
do egoísmo e do vício,
de toda a força do mal
mostrando o vasto caminho
que leva ao precipício
numa descida final.

Clarinação

É impossível prolongar o êxtase e viver,
pois o instinto explode num clarão
e a plenitude do amor é quase morte
no milagre total da integração.
Partem-se as correntes, as dúvidas, os medos
no sentimento exato.
E enquanto vão surgindo clarinações e auroras
nos momentos de encantos insuportáveis
eu, consciente e mágica desato
os laços que me prendem aos preconceitos.

Canção em sol bemol

Os fortes ventos
que chegam,
trazem notícias frescas
de cataventos
moendo
grãos de trigo e sofrimentos;
dos seculares conventos,
aroma de incenso e mirra,
dos verdes mares
violentos,
o grito dos afogados,
das mulheres solitárias
os suspiros e os lamentos.
Aos fortes ventos
me entrego,
e vou com os meus pensamentos
aprender com os santos
bentos
a oração de exorcismo,
para tirar os tormentos
dos marujos endoidados
com os doces encantamentos
das sereias que lhes deram
além dos cantos, alimentos
envenenados de amor.

Vou agarrada aos momentos
que seguem com os fortes
ventos,
junto com os meus sentimentos
pela distância sem-fim,
em busca de ensinamentos
que tornem os meus
desalentos
menos pesados e lentos
para que eu possa encontrar
na vida, às dúzias, aos centos,
as coisas que eu quero alcançar.

Limitação

É limitado o espaço:
quatro paredes de vidro,
paixes perdidos no aquário
vendo paisagens de aço
e caminhos não concluídos,
pois o tempo é secundário.
Lá fora vozes jeitantes
proclamam lutas, renúncias.
Sou um peixe do aquário,
meu corpo afunda na água
entre mil pedras cortantes,
por isso não escuto as minúcias
do que dizem os apelantes
cheios de ódio e de mágoa.
Bendigo as quatro paredes
que me defendem dos gritos.
Faço parte dos aflitos
mas sou impotente aos apelos
porque no aquário em que vivo
os problemas e os atritos
jamais podere, resolvê-los.

Transcendental

Meu cavalo cor de bronze
de palas de ouro antigo,
de asas de arco-íris
e da crina de cristal.
vou embora, vou contigo
sumir do reino terral,
tentar destruir de repente
meu processo biológico,
trasfigurar-me em estrela,
talvez um anjo sofrido,
deixar a forma primária
e ser como és, mitológico.
Meus cabelos desatados
ao vento forte do alto,
minhas mãos quentes e firmes
segurando as tuas crinas,
meu corpo unido ao teu corpo
– dois em um no azul-cobalto
da luminosa amplidão –
viajaremos em êxtase
pelos mundos insondáveis,
de faunos, bruxas, ondinas
como fantásticos seres
criados na comunhão da matéria e da magia,
num ritual permitindo pelo milagre do sopro

de um velho deus saturado.
Percorreremos horizontes, labirintos, corredores
abriremos nos inexplorados confins
grutas, salinas e flores,
vulcões que gritam nas lavas
trágicos cantos telúricos.
Não teremos paciência
nas esperas demoradas,
seremos os filhos do sol
acendendo a labareda
que solda as grossas correntes
que unem as coisas afins
nos universos dependentes.
da Suprema Inteligência.
Depois não mais existirás animal
nem eu, mulher.
No entanto, meu corcel,
vivas presenças seremos
no tempo dimensional
desafiando os poetas, os filósofos e os loucos,
pois viveremos no âmago
dos pensamentos que aos poucos
na pulsação que irradia
o sentido criador,
explodirão em imagens, sons, rimas e cores
no painel transcendental da fantasia.

Depois da viagem

Depois de exaustiva viagem
sem calma e repouso,
voltei de improviso à miragem
do desejo que não ousei
expressar nos meus poemas.
Venho de longe exaurida
por tantos mares usados,
por tantas noites abertas
em lutas de morte ou vida,
por tantas praias desertas,
por tantos nomes perdidos
no fragor dos temporais,
por tantas mãos me agarrando
por tantos gritos e ais.
Estou cansada e com o crime
de ter voltado depressa,
o momento não redime
os meus pecados e cessa
em mim, como penitência
o desejo de içar
de novo as velas brancas
do meu barco, e viajar.

Minha inutilidade

Debruço num fundo poço
e vejo minha sombra imprecisa.
Do fundo gritam vozes e aflita ouço
palavras denunciando
a minha inutilidade.
Crianças morrem, não salvo,
mulheres se prostituem, não choro,
homens trabalham com fome, não clamo
e ainda ousa dizer generosa à humanidade:
Eu amo.
No silêncio vibro e tramo
criar um mundo onde possa
dar às coisa solução.
Mas são ásperos os caminhos
cheios de muros, pedras, espinhos,
que me perco na solidão.
Volto a debruçar no fundo poço
procurando angustiada
a sombra de meu rosto
que aos poucos afunda e some.
Turvam-se as águas, reclamo,
as vozes gritam meu nome
o eco responde ao longe: desgosto.
Não tenho mais a coragem de dizer à humanidade:
eu amo!

A poesia noturna

Melhor é a poesia que faço
sozinha, sem compromisso
nas horas mansas da noite,
quando a solidez de meu corpo
foge do tempo e do espaço
e se mistura ao feitiço
das coisas que sonho e traço
entre o relvado e as estrelas.
Caminho no imprevisto
como peixe pelo mar,
vibro com o que assisto,
chamo Deus para me ajudar,
encontro nos abismos esplendores,
arco-íris nos destroços,
derreto imagens ao som
das flautas feitas com os ossos
dos anjos que se perderam
nas viagens siderais.
No silêncio é que me acho
e compreendo os sinais
da noite eterna, amarela,
sacramentada de luz,
luz que é minha e dela,
e onde os meus tontos sentidos
fazem um festim glorioso.



Nada tenho, mas conquisto
o que desejo e revisto
num mundo fantasioso
o maná da inspiração,
e aos poucos, se insisto
saio da solidão,
e para o meu próprio espanto
descubro a glória da vida
e ao meu lado um amigo
ouvindo feliz o meu canto.

Apelo

Mar imenso, largo e belo,
superfície de cristal,
mar das barcaças e aventuras,
de sargaços e de sal.

Mar de afogados e de lendas,
de ondas que tecem rendas,
de espumas leves encrespadas.

Mar tranquilo, não estendas
ao clarão das madrugadas
tuas águas nas areias.

Quero ver se encontro ainda
os presentes e os enfeites
que deixaram pelas praias
as descuidadas sereias.

No final da caminhada

Tanto tempo no garimpo
e jamais encontrei ouro,
só ganhei um nome limpo
um céu de estrelas e o tesouro
da palavra equilibrada.
Tanto tempo na caçada
e jamais peguei a caça,
só ganhei na caminhada
da experiência uma taça
para brindar a coragem
com o sangue da minha raça.
Tanto tempo navegando
sem rumo, remo e estima,
não ganhei na pescaria
nenhum peixe, mas um clima
de discórdia amarga e fria.
Não me prende mais o ímã
das coisas que me encantavam
e me levavam a grimpa
do sonho sempre mais alto.
Vou me recolher a um templo
longe de quem garimpa,
caça, caminha, navega
com a alma em sobressalto,
tendo como exemplo

o penitente que tudo de seu entrega
aos outros para, na solidão,
encontrar Deus, e pensar.

Desejo

Quisera ser a escolhida,
a que chegará imperturbável
depois dos vendavais,
trazendo nas vestes restos de auroras
e sargaços de mares siderais.
Quisera ser a esperada,
das amadurecidas horas inquietas,
a que trará o mistério das noites tropicais
e na palavra a mensagem dos poetas.
Quisera ser a procurada
no esplendor amanhecendo dos caminhos,
a que trará no olhar o fogo dos crepúsculos
e o sortilégio de todos os carinhos.
Quisera ser a recomposta
dos escombros fatais dos terremotos,
a que trará a redenção,
a mesa de iguarias posta,
o leito morno, largo e limpo
e a verdade dos mais remotos
ensinamentos de amor e de perdão.

Malabarismo

Equilibrada num fio
entre montanhas e abismos
passo as horas dos meus dias
em trágicos malabarismos.
fazendo nascer nas nuvens
querubins de vestes azuis
e no côncavo das pedras
dos mais fundos precipícios
estranhas flores de sangue.
Largo-me aos vales astrais
tão leve no anseio puro,
que a paisagem oprimida
vai perdendo na subida
a essência de um prazer obscuro.
Encontro na altura ofertada
amplidão para os desejos,
estrelas multiplicadas
em fontes de poesia,
anjos tecendo guirlandas
para enfeitar os meus sonhos
que alcançam cumes nevados
num mundo ornamentado
com fascinantes ouropéis.
Em bruscas voltas eu desço
às grutas misteriosas

buscando a lama e o pó
que o meu instinto animal
insiste em reencontrar.

Tento uma nova escalada,
ponho força na subida,
mas o meu ser relutante
afunda num mar de sal,
de sargaços e de lodo.

É a prisão momentânea
pois novamente me elevo,
é meu o universo todo
iluminado de sol.

De repente nova queda
à profundidade do abismo.

Procuo sair e encontro
o mesmo fio retesado
entre a montanha e o chão.

Começa o malabarismo,
fico entre o céu e o inferno
cheia de angústias e clamores
esperando a mão de Daus
para o amparo integral
ou a queda insofismável
ao reino dos pecadores.

Minha viagem no sonho

Meu eterno desejo de viagens
dimensionado em sonhos fabulosos,
cria autênticas paisagens
no limitado espaço da minha sala.
Vejo inebriada mágicas paragens,
parques e pomares, rios de águas azuis,
praias e coqueirais que o vento embala
cantando canções trazidas das distâncias.
Um colorido de traços e de formas
invade o ambiente pondo em ânsias
o meu coração que esquece as normas
de uma vida burguesa e se alvoroça
ao convite para uma fuga maior pelas lonjuras
de um lugar mais lindo do que o da Alice
quando se perdeu nas maravilhas
de um país de iluminuras.
Vejo deslumbrada a minha Espanha,
seu povo, suas ruas, praças olivais,
a dança lasciva que acompanha
a música gitana e as castanholas
nas noites de promessas sensuais.
Os castelos, as fontes, as catedrais,
os touros negros, valentes, os campos largos cobertos
de imensos cravos vermelhos.
Diante de ti, minha Espanha

caio feliz de joelhos.
De repente as sombras inundam a sala
e eu que compunha um esquema
para pôr na minha fala
toda a beleza existente no penúltimo poema
que Lorca chorando escreveu,
vejo sumir a montagem
que o sonho feiticeiro arranjou
e sozinha sem coragem,
de despertar da emoção
choro por mim e por ela,
Espanha do meu encanto,
e lhe ofereço o meu sangue
e o meu amor que é tanto
que transborda na amplidão.

Conversa íntima

Meu amigo Francisquinho
sou ainda um animal selvagem e agressivo,
desce do alto aonde estás
e vem até aonde eu vivo.
Conversavas com os pássaros, peixes, leões,
conversa também comigo,
serão momentos tão bons,
tu, me explicando o sentido do amor e da humildade,
eu, te contando o que sinto:
meus fracassos, minhas revoltas.
o medo que tenho, não minto
de enfrentar a humanidade
que ao voltares ao céu
levarás mais uma graça,
pois me tornarás tão passiva
como a mais tranquila ovelinha
do rebanho de Jesus.
Francisquinho, meu amigo,
vem agora, estou sozinha
tenho a noite por abrigo
preciso da tua luz.
Deixaste glórias, riquezas
para sares o mais pobre
entre os pobres de Assis.
Eu sou pobre de ternura,

pobre sou de esperança,
conversa comigo meu santo
como se eu fosse uma crinnça
de alma de lírio entreaberto,
que a tua palavra, prometo
não se perderá no deserto.
Sei que foste meio louco
com ideias liberais
dava tudo o que era teu, para a mágoa dos teus pais
dá-me agora o teu amparo,
teus exemplos e conselhos
como amigo e doce irmão.
Não vou cair de joelhos
nem ficar em contrição
mas sim olhar nos teus olhos
segurar firme a tua mão
e ficar junto de ti
meu amado Francisquinho,
até aprender contigo
a ser generosa e humilde
a fim de seguir o teu caminho.

Entardecer

Como um grande pássaro sangrando ferido,
o crepúsculo cai pesado e rubro
sobre o silêncio acolhedor desta varanda.

As sombras envolvem mansamente os objetos
e eu, amargurada, sinto que outras sombras
mais pesadas e escuras vão cobrindo
de tédio e desencanto os meus afetos.

Olho o mar grosso na fúria da demanda
com o vento forte e as pedras escarpadas.
No céu, o incêndio de cores desmaiando...

É noite nas águas, em mim e na varanda
onde sozinha vou lembrando amores
e tendo sonhos e desejos mais discretos.
Sinto-me estranha entre coisas tão amadas,
perdida nas sombras que envolvem os objetos
e vejo – tão sofrida – crescer a forma escura
que envolve e aniquila os meus afetos.

Um momento marinho

O barco na quietude da tarde
é um pássaro imenso
pousado no mar de asas abertas.
De onde veio tão calmo, tão branco
balouçando de manso nas águas desertas?
As redes pesadas os homens jogaram
em busca dos peixes,
e enquanto esperam o cardume passar,
cantam baixinho velhas canções,
contam estórias dos amores de marujos e sereias,
de golfinhos boêmios perseguindo baleias...
De navios encantados navegando nas brumas
das noites de vento, de medo,
de ondas profundas coroadas de espumas,
Ah! as estórias fantásticas dos homens do mar!
O barco na beleza da tarde balouçando tranquilo, as velas
abertas em asas quietas
parece em pureza
a alma emotiva dos marujos poetas
vagando perdida,
entre o sonho, o céu e o mar.

Busca

Não quero rima para o poema
que subtraio do que é belo,
quero somente estar presente
nas maravilhas que formam o tempo
quando se traz dentro do peito
batendo forte, de certo jeito,
o coração cantando alto
o hino heroico da liberdade.

Não quero rima para o meu verso,
quero somente que ele seja
o sino claro que na harmonia
fale de Deus no universo,
fale de amor, de paz, de sonho,
neste momento em que substimo
todas as mágoas e sofrimentos,
pois vou fazer grandes viagens
pelo encanto do inconsciente
aos horizontes do continente
que descobri perdido, longe.
Nele me vejo como não sou
modificada nos sentimentos,
livre entre anjos, estreias, arco-íris,
pondo miçangas de sóis extintos
na extravagância das minhas vestes
e na brandura dos meus gestos

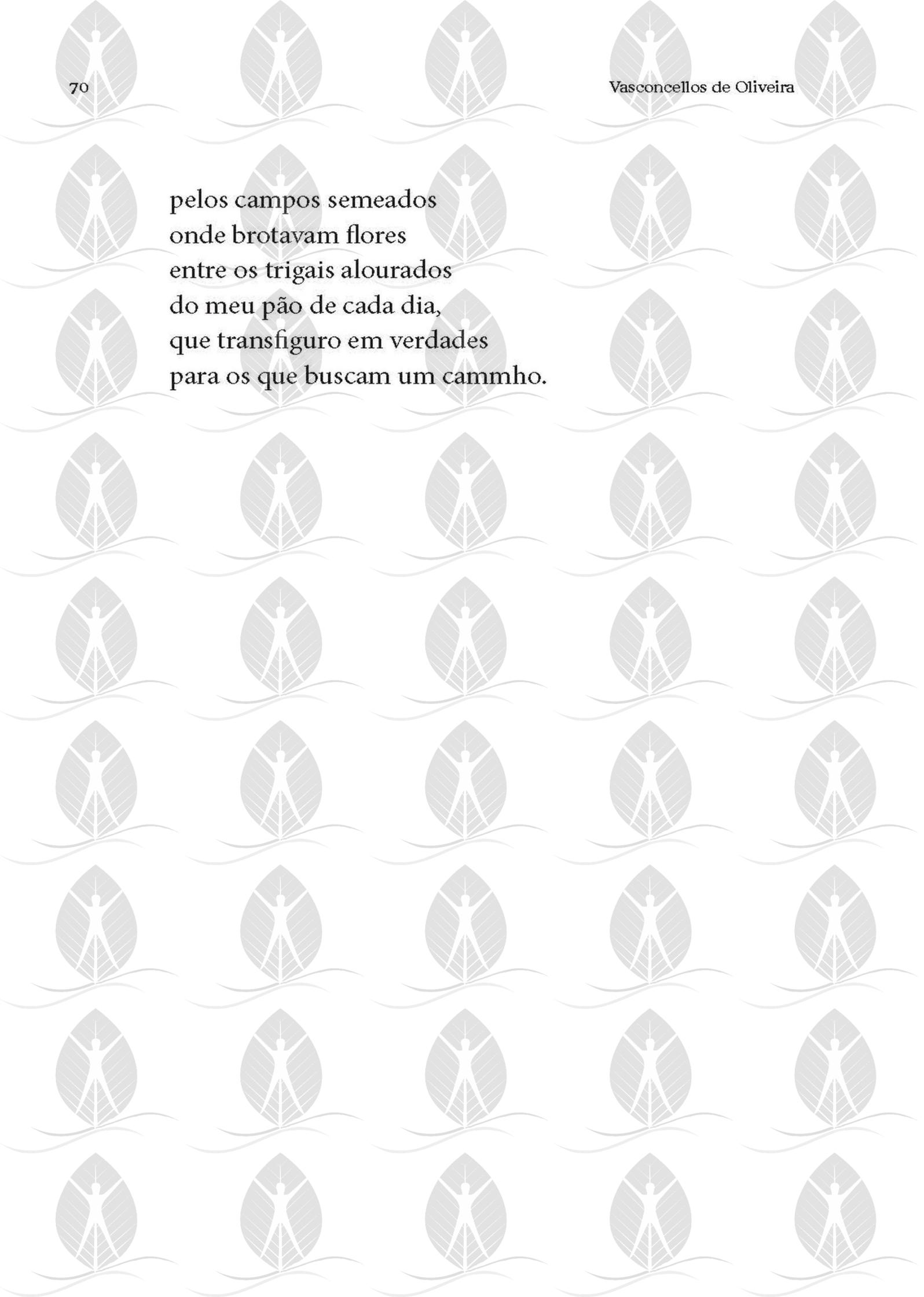
a intenção de perdoar.
Não quero rima para o meu verso,
quero somente continuar
abrindo portas para encontrar
o que ainda resta no mundo estreito
em que vivemos atribulados,
na eterna busca sem rumo certo
do que é belo, essencial, divino
e acabamos sempre retidos, presos,
num chão vulgar de pedras negras
sem descobrirmos que está bem perto
dentro de nós, a solução.

Poema a um cavalo mágico

Puseram rédeas de ouro,
– mas rédeas são e serão –
no cavalo mais fogoso
irmão gêmeo do alazão
filho da hora e do tempo,
quando corria veloz
pelos largos e verdes prados
sem ouvir o apelo na voz
da prudência em altos brados.

Puseram rédeas de ouro
– mas rédeas são e serão –
no cavalo rebelado
que tinha estrelas nas patas
e no olhar encantado
estórias com nomes e datas.

No galope pela vida
parou o cavalo veloz
com os fortes freios ferindo
a boca aberta num atroz
silêncio constrangedor.
Agora a minha mão não cansa
de afagar o seu pelo,
agradecendo a altivez,
a audácia, a coragem e o zelo
que teve na correria



pelos campos semeados
onde brotavam flores
entre os trigais alourados
do meu pão de cada dia,
que transfiguro em verdades
para os que buscam um cammho.

Reclusão

Vivo num mundo abstrato
de indagações sem respostas,
as verdades que procuro
não trazem a forma esperada,
são pedras criadas e postas
para aumentar a muralha
entre a minha noite e a aurora.

Sofro o medo responsável
por tempos de frustrações,
sou fragmentos de som
que não possui melodia,
desconheço a partitura
que o riso franco compõe.
Minhas mãos carregam séculos
de bondade e de ternura
mas não encontro terreno
para plantar o amor,
nem um recanto discreto
para semear o que sinto.

Vivo num mundo abstrato
de indagações sem respostas,
reclamo luz e afeto
mas só encontro no tempo
um muro alto e concreto.

Proposta

Faço uma nova proposta:
Dou as terras que possuo,
o castelo submerso,
a estrela que ilumina
a cena aberta em que atuo
compondo rimas para um verso.
O prado imenso e as ovelhas
brancas e gordas que tenho,
mais as argolas de ouro
que enfeitam as minhas orelhas.
O mapa e o desenho
de um território e de um rosto
que revela maravilhas.
As gaivotas e os peixes
que defendem as verdes ilhas
onde escondo os tesouros
das minhas ternuras de amor.
Abro a mão e fecho a aposta.
Dou o mar do meu veleiro,
o escudo do meu sonho,
o momento essencial
que é pergunta sem resposta.
Faço mais uma proposta:
Dou a cidade construída
belamente recomposta

pedra a pedra, flor a flor
o canto da cotovia,
o santo nu do andor,
o azul que se faz dia.
Dou a cabeça do dragão,
a língua do adversário,
a espada do barão,
o sino do campanário,
a luz para o teu escuro
se me disseres agora
onde vive, onde mora
o homem que tanto procuro.

Redenção

Frade cartuxo eu bem quisera
vosso silêncio e então teria
a consciência transfigurada em luz solar.

A palavra inútil não ousaria
dar forma viva nem tom sutil,
toda a intensão repousaria
na expressão do meu olhar.

Vosso silêncio feito de preces e penitências
sobe ao céu, envolve Deus,
vibra em ondas de amor e paz
pelos caminhos dos pecadores,
vai às prisões, aos perseguidos,
aos humilhados e revoltados
aos que trabalham e não têm pão,
aos que não têm mais esperança,
aos que precisam consolação,
– arrependidos e injustiçados –
aos enfermos de corpo e alma
só pela força da devoção.

Frade cartuxo eu bem quisera
esse silêncio que só os puros podem obter.
Sou pecadora, filha de Eva,
não poderei chegar a ele
Pois o meu íntimo ainda guarda
um universo em intensa treva.

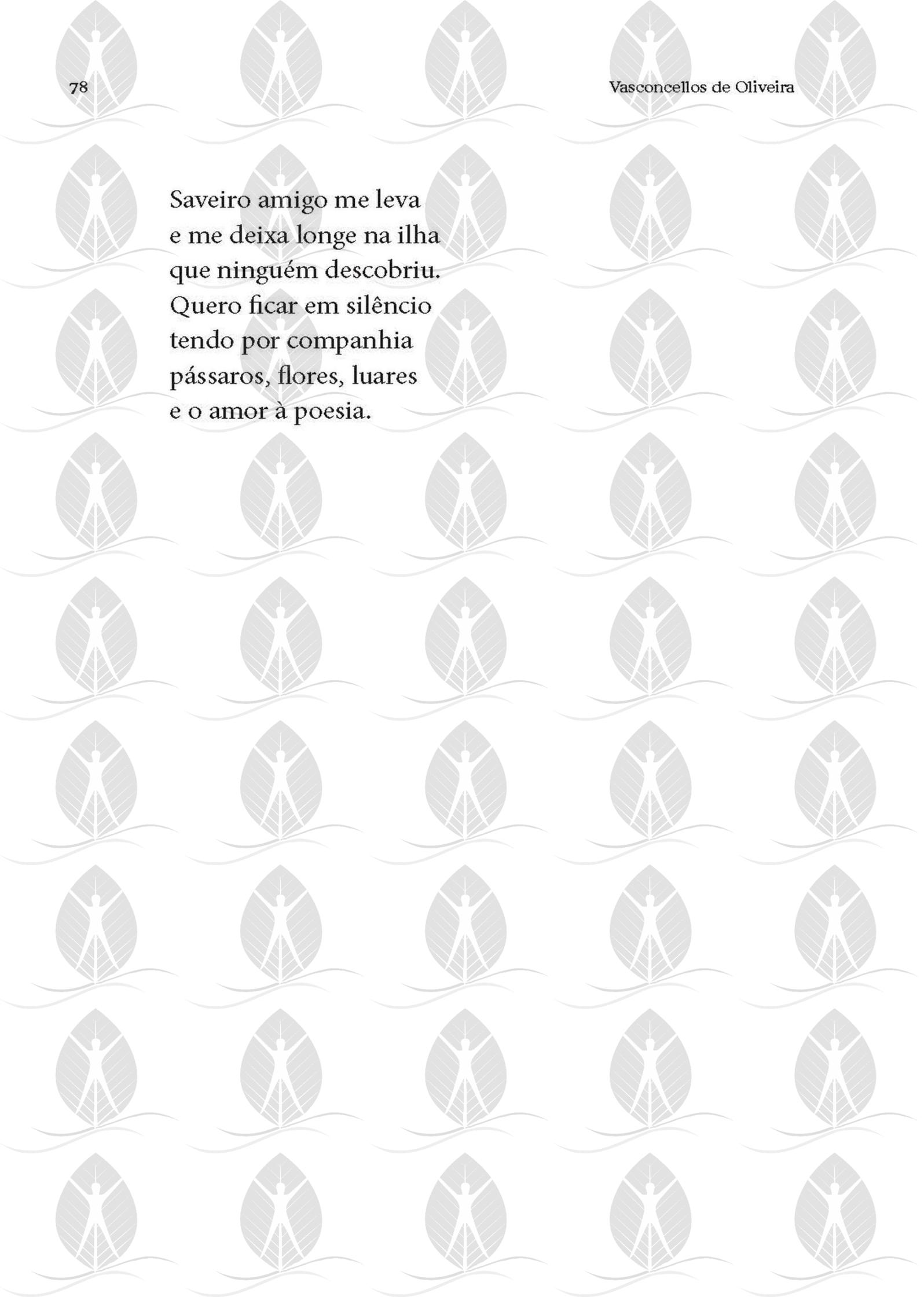
Frade cartuxo eu bem quisera
na mais profunda solidão
encontrar a Luz, Deus em presença
e deixar aos poucos se aprofundar
como raízes em terra fértil
esse silêncio – meditação
e então depois, meu ser inteiro
– semente, flor desabrochar
na eterna glória da redenção.

Aos exilados

Enquanto esvasia o continente
e a flor do brasão se despetala,
me abasteço de remotas glórias
e ponho sons de mar na minha fala.
Enquanto a verdade se revela
e dentro do limite assinala
o sentido essencial de um argumento,
vou repetindo as frases aprendidas
entre as grades fatais de um sentimento.
Enquanto se fecham todos os recintos
ao ódio e ao amor transfigurados,
abro amorosa os meus instintos
e deixo que voltem a mim os exilados.

Saveiro, Santa Martha

Saveiro Santa Martha
de velas pandas, azuis,
de carga tão rica e farta
de homens, frutas, baús.
Saveiro que vais ligeiro
ao rumo do litoral
cuidado velho saveiro
com o vale de coral,
moradia, reino e pouso
da rainha do mar inteiro,
que num canto feiticeiro
prende marujos e barcos.
Saveiro Santa Martha
muda o teu rumo e me leva
para bem longe onde a treva
do desencanto não seja
pesada e cotidiana.
Quero ir na tua proa,
quero ver o mar aberto
ao golpe da tua passagem,
quero ver toda a paisagem
das brancas praias desertas.
Quero ver ondas chorando
em espumas e respingos
batendo na tua quilha.



Saveiro amigo me leva
e me deixa longe na ilha
que ninguém descobriu.
Quero ficar em silêncio
tendo por companhia
pássaros, flores, luares
e o amor à poesia.

Penitência

Tenho a alma flagelada
em constante penitência,
pelos pecados vividos nas horas de exaltação.

Foram tempos memoráveis de glórias e desenganos,
campos de lírios brancos
foram pisados por mim,
não medi a extensão dos largos gestos profanos
e o dorso da noite feriu
com o meu punhal de marfim.

Vi estrelas sangrando,
chuva de astros caindo
quando seguindo ao apelo
da vida plena de afetos,
era canção de cristal
vibrando no que dispunha
de ternura despertada.

Companheira fui sem medo
de marujos e poetas
e com elas caminhei
pelas estradas secretas
ao rumo do mar azul
da poesia e das lendas,
onde arrumávamos as tendas
para sonhar e sofrer.
Em cada terra distinta

vi surgir a madrugada.
Fui figura itinerante
bebendo raios de sol
nas esperas e chegadas
e nas idas sem querer.
O orvalho foi meu lençol
nas trágicas noites sem sono
quando em vez da primavera
percebi que era outono.
Agora é tempo de ausência,
de dia a escurecer,
de esquecimento, de prece.
Meu coração não se aquece
ao forte vinho maduro
elaborado ao capricho
de um sentimento qualquer.
Por isso flagelo a alma
e o pranto que me lava
e a tristeza que me veste,
são os pecados redimidos
da minha vida de mulher.

O leque

Feito de sândalo e rendas tenho o leque
que pertenceu à minha tetravó
foi sempre guardado com carinho,
talvez por isso o tempo
não o tinha transformado em pó.
Com ele e moça índia
– que tinha também sangue francês –
escondera na certa o riso puro
faceira junto ao noivo português.
Mas quem saberá se nas horas de enlevo
quando mais alto lhe falava a origem
de filha da terra manauara,
em vez do leque requintado,
não quisera a ventarola simples
feita de palha e penas coloridas
para ao calor da noite perfumada e clara
abandar em silêncio o bem-amado.

Pomona de ouropel

Um dia me fiz Pomona
e carreguei frutos novos.
Soltei ao sol os cabelos,
vesti roupas de arco-íris
com tons de prata nas cores,
e saí aos grandes vales,
aos jardins e às florestas,
aos bosques espessos, lendários,
absorvendo os encantos
da naruteza e dos homens.
A sombra fresca das árvores,
onde os pássaros eram tantos
que se confundiam com as flores,
conversei com os belos silfos
que me contaram os segredos
dos seus mistérios e amores,
e aprendi com velhos gnomos
e viris centauros jovens,
sortilégios que transformam
pedras negras em topázios.
Entreguei aos meus amados
os doces frutos colhidos
e deixei que aos meus ouvidos
dissesem mornas palavras
de sumo pleno de mel.

Um dia me fiz Pomona,
figura de ouopel,
com uma coroa de uvas
e margaridas azuis,
– milagre da primaveira –
nas minhas mãos como luvas
a água pura do orvalho,
nos meu pés, sandálias fofas
feitas com as folhas do galho
que o vento da tarde curvou.
Nos olhos o brilho e a luz
acumulada da espera
de uma verdade que o sonho
na minha angústia gravou.
Um dia me fiz Pomona
e me perdi numa era.

Poema da hora perdida

Cheguei muito tarde à hora maior.
O vento do mar meu barco atrasou.
Não vi a manhã vestida do orvalho
a rosa da neve que o sol transformou
em gota de luz.
Não fui às vindimas, perdi as searas.
Corais e sargaços encalharam meu barco.
Não vi o perdão, o beijo de amor,
as fontes de ouro, as estrelas fugindo,
o pássaro azul de canto mais lindo,
havia morrido num espinho de flor.
O vento da noite as velas rasgou,
meu barco ficou no meio do mar.
Por mais que eu gritasse meu grito era fraco,
na praia comprida ninguém para escutar.
Cheguei muito tarde à hora maior.
O hino de fé era música ao longe,
o consolo mais doce que eu tanto queria
que fosse de espuma, de leite, de mel,
possuía a tristeza de mãos em adeus
e o amargo sabor de uma taça de fel.
A humana ternura, pedra ao luar,
beleza escondendo a mentira no gesto.
Fiquei sem destino na praia vazia

depois que passou a hora maior.
Talvez se as ondas empurrasem o meu barco,
os corais e sargaços abrissem caminhos,
o vento da noite fosse manso e amigo
e eu tivesse chegado no início da hora
cantando feliz um salmo de amor,
a luz fosse tanta, tão grande o esplendor
que meus olhos cegassem e a minha palavra perdesse
[o valor.

Libertação

Não assumo compromissos
nem com a Pátria nem com a vida,
emigrante sou em qualquer parte
por onde ande perdida
Passarinho atormentado não me sinto,
sou águia altaneira, liberta,
passarinho é engaiolado,
eu quero é porta aberta
para as fugas que proponho
juntos, eu e o sonho.
cada qual com o seu feitiço
e a sua inspiração,
fazemos até o sumiço
de toda a inquietação.

Poema em 3.^a dimensão

Soltar as amarras
é o grito de ordem e a ordem é do Rei.
O mar é um convite, a hora propícia,
para onde seguir, ainda não sei.
Talvez para a Índia
em busca da fé, da humana bondade
que eterna ficou na lembrança mais pura
de Gandhi e Tagore.
Talvez para a Espanha
dos cravos vermelhos, das danças frenéticas
com gestos de morte,
dos estreitos sobrados com grades de ferro
onde alguém lê ainda
o último verso que Lorca escreveu
ou guarde egoísta uma tela esquecida
num escuro porão, pintada por Goya.
Talvez para o Egito
procurar num sarcófago a joia
mais rara, mais linda,
que com um faraó enterrada ficou,
Ver o Nilo correndo levando nas águas
milênios de lenda e de história.
Chorar pela dor que sofreram cansados

os escravos artistas construindo as pirâmides
que em pedra ficaram num sonho de glória.
Talvez para o Tejo
salvar os velames de um barco pescueiro
que o vento de agosto na areia encalhou.
Talvez para a Inglaterra
ver os velhos castelos de tantos mistérios,
de imóveis soldados na guarda solene,
a estátua imortal de Lady Godiva
os brancos cavalos da branca rainha.
Talvez para Israel
curar as feridas como flores abertas
nos peitos valentes dos bravos guerreiros.
Talvez para a China
dizer às crianças que não brincam de roda
nem sabem cantar,
que marcam seus passos com prantos e sangue
e esqueceram o sabor de um prato de arroz,
que perdoem e não sigam os homens que brigam
na vã ilusão de um domínio total.
Talvez para o Congo, talvez para a América,
ao negro dizer que lute e reclame
o direito que tem de ser nosso irmão,
de ser nosso igual,
que a coisa melhor na vida do homem é a liberdade.
Ao rumo que vou ainda não sei.
Talvez para um porto
onde precise ensinar ao herói, ao vencido,
ao sábio, ao humilde, ao escravo, ao senhor,

toda a profunda grandeza que existe
na perfeita justiça no perdão e no amor.

Soltar as amarras

é o grito de ordem e a ordem é do Rei.

É largo o caminho, revoltos é o mar

Bandeiras se abrem, rufam tambores,

Tocam cornetas.

Quem quer embarcar?

O presente

Deu-me a vida de presente
sem que eu esperasse, as rédeas
de um cavalo em movimento.
É um animal feroso, alado, selvagem, solar,
tem nas crinas labaredas,
nas patas a fúria do mar.
Na corrida derrubou os homens de grupamento
e agora vai passar
altivo na galopada
pela colheita farta
do campo do entendimento.
Minhas mãos são frágeis, nem sei
como segurar as rédeas
que embora sendo elásticas
podem arrebentar.
Meu corpo dói e a cabeça
roda com o tempo cúmplice.
Ordeno ao cavalo que desça
à terra e se acomode e descanse
no meio dos novos mitos
ou ao menos abasteça
a sua energia com o feno
colhido num dia pleno
sem discordâncias e atritos
escondido no celeiro
que só nós dois conhecemos.

Meu dogma

Não abro mão do que quero,
nem fujo do terno enleio
das coisas que eu tolero
no mundo de onde leio
nos astros a afirmação
das minhas ânsias insofridas,
e vejo a continuação
da minha vida em outras vidas.
Não me afasto do esquema
que o meu ser vertical semeia.
Morro sempre num poema,
ressurjo com a lua cheia,
uso símbolos e pertenço
a um ritual que tonteia
os que não têm força nem senso
para transpor o infinito.

Minha Espanha

Visto um roupa vermelha
prendo um cravo nos cabelos,
danço uma dança gitana
com um par desconhecido.
Nos folhos das muitas saias,
rendas negras e latejoulas,
na boca o travo do vinho
e as canções das Manolas,
Carmens, Dolores, Paquitas,
que fazem as noites da Espanhas.
Venho de Barcelona, de Saragosa, Logrono
de Salamanca, Navarra, de Cádiz ou de Sevilha?
Não sei bem de onde venho,
mas sei que em mim fervilha
o quente sangue espanhol,
misto de audácia e ternura,
de muito amor e de sol.
Meus olhos são brasas vivas
sáidas de um incêndio novo,
vibram em festa as castanholas
que toco feliz como o meu povo.
Venho de Guadalupe, Pamplona, Almazon, Toledo,
de Córdoba ou de Valência
fazendo léguas e milhas?
Não sei bem de onde venho

mas sei que nas sapatilhas
guardo terras de Bilbao, de Málaga, de Mirabelo
de Careces, Valladolid, de S. Juan e Granada
e escondida no peito
entre o corpete e os meus seios,
a rosa mais encarnada
dos jardins de Alcazar.

Venho de Guadarrama, de Badajós ou de Brugos.
de Múrcia, de Sabadell, de Alicante ou Madrid
que no próprio mapa rebrilha
como uma estrela solar?

Não sei bem de onde venho
mas sei que a bandarilha
do tempo feriu meu corpo
e agora tenho na alma
uma emoção muito estranha,
E dispo a roupa vermelha
apago n'alma a centelha,
mas permaneço na Espanha.

Sugestão

Na t pida noite não acabada
as estrelas guiam a madrugada
para o esplendor do dia pleno.
Molho meu rosto no frio sereno,
deixo meus passos fundos na praia
enquanto o mar verde e indolente
sobre os rochedos, canta e se espraia.
Brinco com as algas vindas nas águas
e com elas formo letras, figuras,
compondo versos e pensamentos
desabrochados de mil ternuras.
São entre a noite e o dia
sentindo no corpo a aspereza da areia
e o vento doido a me abraçar,
sofro a sugestão de nesse instante
ter o mágico encanto da sereia
e ser a dona absoluta do mar.

Divina bênção

O vento veio de longe
das distâncias insondáveis
e me levou, feiticeiro,
por mares não navegados,
por vales jamais pisados,
pelos quadrantes perdidos
de galáxias azuis.

Enquanto mais eu sensível
bebendo no espaço a luz
bendizia a viagem,
mas o vento timoneiro
abria no tempo, ligeiro,
o esplendor da paisagem
triunfal e milagrosa.

Fomos a casa dos anjos,
dei um beijo em São Francisco,
de longe vi luminosa
passando Nossa Senhora.

Vi Jesus, menino ainda,
distante me olhando arisco
com medo dos meus pecados.

Passei no meio de raios,
equilibrei-me em arco-íris,
de Pégaso olhei a terra
tão mesquinha na amplidão,

usei os anéis de Saturno
enfeitando a minha mão;
de Antares roubei os brilhos
para compor brinquedos
para os filhos dos meus filhos.
O vento sempre correndo
– corcel de estranho segredo –
me carregava veloz
por entre estrelas e nuvens
ouvindo de Deus a voz.
Na lua vi a presença
do homem do solo árido,
mas não encontrei São Jorge
de armadura, montando
fogoso cavalo branco
e com a lança domando
o mais feroz dos dragões.
Voltei à terra exaurida
das andanças transcendentais
por um mundo de ilusões,
mas feliz porque suponho,
trouxe para a minha vida
mais uma bênção divina
de poesia e de sonho.

A presença imponderável

Um dia eu serei apenas uma vaga lembrança,
um nome apagado,
um retrato e um poema guardados
nas velhas coisas da família.

Passarei de pensamento a pensamento,
de geração a geração,
de pranto a pranto,
até chegar a um quase total esquecimento
quando os mais jovens curiosos perguntarão:
Como se chamava mesmo aquela tetravó,
que fazia versos e sonhava tanto?

Estarei num milagre retrospectivo
em tudo de onde vim:

Terra, água, luz, natureza perfeita, átomo ativo
na vida unânime em plenitude.

Estarei diluída na essência das coisas,
na luminosidade dos dias,
no brilho das estrelas,
no canto dos pássaros, na polpa das frutas,
na resina das árvores, no pólen das flores,
nas verdes algas, nas areias mornas,
no pó das estradas, no sabor do sal,
no limo das pedras, nos pingos da chuva,
nas ervas, na flor do coral
que o fundo do mar decora e enfeita,

no gelo das altas montanhas,
no fogo, no vento, no som, no silêncio,
nas grutas profundas, escuras,
onde o sol não penetra e os insetos se amam
com o mesmo milagre amoroso
com que procriam enlevados
os peixes, os répteis, as feras e os homens.
Serei encontrada em tudo o que for expressão cósmica,
na beleza e na força dos elementos,
nas alegrias e nos sofrimentos,
na germinação transcendental
da poesia e do amor universal,
e no encanto,
ninguém perceberá a presença imponderável
de quem fazia versos
e sonhava tanto.

Poema a um cavaleiro desarmado

Cavaleiro destemido
o teu cavalo morreu,
quebrou as patas nas pedras
do caminho que esqueceu,
a tua espada entortou,
o teu capacete sumiu,
com o rosto à descoberta
quem te vê e quem te viu!
Desmoronou o castelo,
ruíram as portas de aço,
ao corpo do novo rei
não levantarás o braço
para um duelo de morte.
Com orgulhosas palavras
lavraste, homem, a tua sorte.
Perdeste a montaria,
a bandeira, o elmo, a honraria
que era a força e o suporte
dos teus atos violentos.
Acabaram-se os momentos
das tuas ordens e gritos,
da tua fama espalhada
pelos campos e distritos.
Ficou a tua imagem na poça
que a água da chuva fez,

para no teu rosto pisar a moça
que possuístes uma vez.



Cantilena

Não decoro textos
nem das escrituras,
só aprendo e sei
o que das amarguras
me ensina a experiência.
Se mastigo o vento
e mato a minha gula,
se a prepotência
com poder anula
o que a inocência
no amor dissimula,
é porque com Eros
andei festejando
encontros sinceros
que me deslumbraram.
Se as mãos eu lavo
na sentença nobre,
é porque o escravo
que comprei com o cobre
dos meus longos cabelos
se desamarrou
e fugiu dos zelos que o velho instinto
sempre me ensinou.
Se eu fico muda
quando todos falam,

é porque, desnuda,
vejo a intenção
do que não foi dito
só por compaixão.
Se o amor eu tenho
aos meus pés constante,
já sei que o lenho
que vou carregar,
a qualquer instante
aparecerá na forma perfeita
de uma traição.
Se me dizem eleita
de um deus pagão
porque sou sujeita
à inspiração
e a querer demais.
Já espero e vêm
todos os sinais
de que nada sou,
e não vou além
dos tristes finais
dos angustiados.
Se desfolho flores
e sobre pedras salto,
se os meus dissabores
gritam muito alto,
levanto a cabeça,
piso firme e forte
e em novo esquema

vou de sul a norte
e do antigo lema
exibo a confiança
que foi esquecida
quando em penitência
suportava a vida
na maré constante
das alternativas
de matar as mágoas
ou deixá-las vivas,
de subir ao sol
ou afundar nas águas,
de colher os frutos
e encher os cestos,
ou deixar que os brutos
ficassem nos textos
das minhas estórias
tão absolutos
e intransigentes,
que sem mais contextos
eu me anularia
dentro das inglórias
lutas divergentes.

Pausa poética

Na amplidão do verde, a mancha colorida,
pássaro ou flor, palpitante de vida?
Tão rápida visão na manhã azul de céu lavado
que os meus olhos apenas fixaram
a beleza do instante.
Flor desabrochada, delicada e leve
ou pássaro pousado depois de um voo breve?
Sonhadora imaginação.
Talvez apenas fosse
o sol ameno desmanchando o orvalho
que ficou da noite fria.
Luz, pássaro ou flor
na amplidão do verde
tomou a forma de doce poesia.

Eterna busca

Sofro uma obscura tendência
de caminhar sobre abismos,
mergulhar em negros mares,
sentir do fogo a ardência,
beber as águas e os ares
contaminados de angústias
vindas de eras remotas.

Talvez vidas passadas
vividas por mim no tempo
tenham enfim armazenado
emoções, fatos e notas
que agora revelados
perturbem minha consciência
e tornem meu ser total
eternamente ansioso
em busca da oniscência.

A cigana que eu sou

Na mão fechei a moeda,
a palavra guardei na boca,
a sabedoria aprendida
escondi na consciência
e a alegria – tão pouca –
esbanjei na transcendência
de um sentimento maior.

A cidade que era minha
bravamente construída,
cobri com a erva daninha
arrancada dos precipícios.

Na mão fechei a moeda,
a palavra guardei na boca,
não quero mais ser a louca
que fazia desperdícios
de esmolas e ternuras.

Aprendi com a própria vida
o que nos livros não li.

Fujo das criaturas,
não sou de lá, nem daqui.

Sou simplesmente a cigana
que não tem pouso nem rumo,
que sorrindo o tempo engana
e esconde na mão direita
a moeda, e satisfeita

guarda o silêncio de ouro
e deixa que todos pensem
que na cidade perdida
dos deuses seja a eleita,
dona de um enorme tesouro.

POEMAS DE HOJE

A sombra do pecado

Vestida de água, cheguei luminosa
acs teus olhos febris.
Exaltou, a tua vo lúpia de oiro,
os reflexos brilhantes do meu corpo molhado.
Na revelação magnífica da luz
eu estava, na tua fantasia,
cooerta de diamantes e esmeraldas.
Assim esqueceste a mulher
e voltaste os sentidos para a fascinação das pedrarias.
o entanto. para a glória da tua arte,
para a criação milagrosa do teu sonho de beleza,
eu estava nua com a sabedoria e a verdade.
Mas aniquilada pelo alvoroço
que nesse instante divino dominou as tu as emoções,
as tuas ânsias insofridas,
deixei que me olhasses extasiado, encantado
com a admiração medrosa
com que de longe se olha
as serpentes coloridas.

Contraste

Nasci para as ascensões
para a glória das alturas.
Tenho o destino inquieto
dos ventos, dos pássaros, dos relâmpagos.
Sou luminosa,
rápida, flexível.
Minha angústia é conhecer distâncias
rondar países
abrir caminhos e viver de todas as ânsias.
Tu és um panorama sadio
que só se ilumina na minha presença.
Sou tua vida,
tua alma,
teus sentidos.
És vegetal robusto que só se move
ao sopro da minha palavra.
Ouro que só reluz
ao contacto das minhas mãos.
Há um infinito
a torturar e a prender
o teu desejo de subir.
És da terra,
eu nasci para o convívio das estrelas,
para viver a luminosidade dos raios
e o desassossego dos ventos.

És crepúsculo
eu sou aurora,
és silêncio,
e sou música.



Poema para o grande amor

Para ir ao teu encontro,
calçarei sandálias de musgos
que tornem meus passos tão leves
quo só perceberás a minha presença
quando os meus braços te envolverem
num abraço aromal.

Ficarás estão sonhando
que estás presos entre orquídeas lânguidas,
que o meu riso ligeiro
é a música suave de um cálamo selvagem
as minhas mãos estrelas miraculosas
que acariciam sem rumor.

E quando despertares
desse sonho emotivo,
sentirás encantado
que a minha presença
é uma fonte de águas sonoras
e que o meu amor
tem a fulguração dos astros
e o esplendor de todas as auroras.

O abismo

Vives dentro de mim
como a música do mar nos grandes búzios.
Vives nas minhas ânsias,
nas minhas esperas, no pensamento que me aflige,
na fascinação das minhas joias,
na beleza das minhas roupas,
em tudo o que me completa e agrada,
em tudo o que significa
o meu desejo e a minha presença.
És o aroma que me embriaga,
o pão que me alimenta,
a religião que professo
humilde e confiante como uma escrava sacerdotisa.
Longe de ti
nada mais encontro que o silêncio e o desespero.
És o entusiasmo da minha alegria,
o canto da minha glória,
a integração do meu emotivismo.
Longe de ti
nada mais existe,
tudo é absurdo e inútil
porque eu só sinto a vida,
a vida unânime, febril, vitoriosa
quando debruçada no precipício dos teus olhos,
sofro a vertigem de rolar, cair, perder-me

no abismo ignorado
do amor que me ofereces.



Nunca mais, tuas mãos...

Tuas mãos morenas, frenéticas, imperiosas,
não escreverão mais sobre o meu corpo
o poema emotivo da carícia.

Tuas mãos pagãs
que compuseram para a minha maior delícia
o hino triunfal da harmonia e do amor;
que envolveram de afagos imponderáveis

a minha nudez de lírio
e tatuaram na sensibilidade da minha carne
a alegria,
a vertigem,
e o delírio;

que perfumaram de sensação sutil
o meu mais íntimo sentimento;
que me fizeram vibrar sonorizada
na extesia total dos gestos submissos...

As tuas mãos perversas, luminosas,
hão de parar imobilizadas
ao aproximarem-se de meu corpo sereno,
de meu corpo que se veste
de garoa amanhecendo,
de luar gelado,
de estrelas e de sol,
que se perde dentro do mar
na ânsia inútil de esquecer,

na volúpia impossível de apagar
os vestígios do poema humano
que as tuas mãos nervosas, quentes, largas,
escreveram
para a minha glória e o meu martírio.

Íntimo

A poesia reside em mim
como a água na fonte,
a raiz na terra,
as estrelas no céu.

É angústia multiforme
que num milagre se espalma
lasciva e absorvente,
pura e pagã

pelo meu ser que se desdobra
transfigurado de sensibilidade.

É semente original que no meu corpo germina
numa Seara de feminilidade.

É essência sutil que embriaga de sonho
a minha alma comovida.

A poesia reside em mim
como o sangue nas veias
o movimento no mar.

É bênção da Graça na minha vida.

É a presença de Deus no meu destino.

Êxtase

Percorri os caminhos essenciais da alegria e do amor.
Pequei na embriaguez emotiva
dos sons, das cores,
dos contactos e dos sabores,
na amarga delícia de fugir do meu próprio espírito,
para viver
a vida unânime dos sentidos.
Percorri os caminhos abertos às emoções humana
na ânsia total
de desvendar o sortilégio da alma.
a aflicção da carne,
o transcendentalismo do pensamento.
Percorri todos os caminhos,
rolei em abismos transfigurados,
parei em surtos infinitos,
vivi ascensões vertiginosas
e descidas rápidas de estrela cadente,
quando, como um alvorecida luminosa,
que se abre
numa imitação rubra de rosas matinais,
eu percorria
os caminhos essenciais
da beleza e do esplendor,
vibrando, extasiada, na glória suprema de ser
a escrava pagã
da alegria e do amor.

Introspecção

Trago no pensamento o ritmo
das ondas rebeladas em alto-mar.
Vive latente na minha inspiração
a ânsia
dos voos largos,
a rebeldia magnífica
das cachoeiras fragorosas,
o clangor dos clarins e a rutilância solar.
Trago no sonho
o reflexo de cores esquisitas
cheias de mistério e sensação.
É com essas luminosidades coloridas
que escrevo
os meus poemas de inquietude e de libertação.
Trago no sentimento
a vertigem dos precipícios
e a glória das ascensões.
E vibro na harmonia triunfal das aleluias
pela volúpia de girar
na dança eterna das inquietações.

Canto da ausência

Filho e servo de Tupã,
os meus braços te esperam.
A tua rede de tucum colorida
à sombra das árvores
está vazia, parada,
murcha como uma vitória-régia morta,
na calma de um igarapé,
à espera do sono sossegado
do teu corpo viril.
Na tua igaçaba enfeitada,
ao amanhecer, os pássaros vêm beber
a água fria do orvalho.
Esqueceste a terra virgem
onde tivesse o balismo do sol.
Agora, os teus passos vão além
da enseada que abraça o mar.
Índio,
filho e servo de Tupã,
a tua rede ao luar embala, convidativa,
e os meus braços brancos, abertos, te aguardam
para o milagre do muiiraquitã.

Nostalgia

Abri os olhos, dilatando o olhar
pelos confins das águas verdes.

Meu pensamento

acompanhou fascinado os movimentos rápidos
das galeotas e das ondas,
e foi parar na minha terra longínqua,
ouvindo a música de ritmos bárbaros
dos castanhais ao vento.

Minha sensibilidade trouxe do Amazonas
a lembrança

de todas as árvores frondosas e esgalgas,
e fez da selva para o meu sonho
o símbolo de um mar miraculoso
onde os cipós floridos,
são mais lindos que as algas.

Eterna audiência

Quando saí em busca do Amado,
meu corpo era branco como as açucenas,
minhas mãos sabiam carícias
mais leves do que a brisa sutil das madrugadas
correndo sobre um campo coberto de avencas.
Meus seios guardavam o morno perfume
de frutos amadurados
e o meu beijo alimentava como pão.
Cantava acompanhando a sonora música
das águas mansas
e soltava meus cabelos aos afagos ao sol.
E como eram grossas e escuras minhas tranças.
As árvores floriram e as flores morreram,
os pássaros encheram o céu de asas claras,
e emigraram depois para o outro lado do mar.
O contorno das sombras se alongou nos caminhos
e a presença do Amado se confundiu pelas sombras...

Exortação

Meus nervos cantam,
meu pensamento exulta,
quando na vibração sonora
da mocidade que se oculta
no meu corpo de aurora,
sinto a sensação jubilosa,
o delírio profundo,
de trazer na inspiração cantante
a luz do sol,
a inquietação do mundo.
Meu sangue
compõe rapsódias de angústias,
veloz, pelas artérias latejantes,
quando me vem
o desesperado anseio
de viver vidas diferentes,
vitoriosas, desassossegadas, emotivas.
Todo meu ver
freme na volúpia singular, inquietante
de viver com alegria
fulgurosa, estuante, sadia
o ritmo de beleza pagã e gloriosa
e o milagre do amor integral e perfeito
na comunhão maravilhosa,
da alma que sonha
da carne que vibra.

Cântico dos cânticos

Que importa que o sol se apague para mim,
que eu não ouça mais a música
dos ventos afagando
as relvas tenras

e as altas ondas,

se eu sinto as tuas mãos milagrosas
comporem sinfonias de carícias redondas
quando passam frenéticas pelo meu corpo
que perfume, para o teu prazer,
de magnólias e de heras?

Que importa que as pérolas mais puras
não envolvam meus braços e meu colo,
se o teu beijo coroa a minha fonte
e o teu olhar me veste de ternuras?

Que importa que a minha voz se cale,
se o meu coração te diz palavras
que embriagam mais que o vinho doce,
quando tens a cabeça
presa entre meus braços?

Que importa que a noite continue,
que as águas matem a tua sede,
se vive uma alvorada nos meus olhos
e a minha boca é a mais fresca que o orvalho?

Que importa a beleza, a morte
a alegria e a dor,
se eu tenho na minha carne a tua vida
e tu tens, na tua alma, o meu amor?

Nova lua

Na noite morna de teus olhos
sou uma nova lua.

Minhas vestes, nuvens coloridas

que me envolvem,

quando flutua

névoa ou tristeza

na noite profunda de teus olhos.

Sou lua clara

que espalha na tua vida
um luar de carícias e poemas.

Quando o teu olhar esquisito,

olhar de treva e fogo

se derrama num clarão infinito,

macio, sobre minha carne nua,

sinto a glória maior,

triunfal e suprema,

de ser

na noite longa de teus olhos

uma nova lua...

Poema da espera maravilhosa

Não perguntes a mim por que me vou.
Quem pode prender
a alagria do vento que passa livre,
ébrio de distâncias e cantigas?
Dexa-me desfalecer na sombra dos crepúsculos,
ressurgir ígnea, transfigurada,
na apoteose colorida das auroras,
confundir-me com os musgos e as estrelas.
Deixa que eu me entonteça de horizontes,
paisagens, motivos,
que eu viva nos cimos iluminados,
no delírio das alturas,
no tumulto das ascensões vertiginosas.
Não perguntes a mim por que me vou
e espera, sonha, vive,
que eu voltarei trazendo para o teu prazer
a fascinante certeza de ter no meu amor
a maciez, a delícia e o sabor
dos pomos raros,
dos campos verdes,
dos vinhos doces
e dos dias claros.

Plenitude

A vida é linda, o mar é claro
a manhã um canto pagão de alegria.
Quero perder-me na luz do meio-dia,
guardar no corpo o sabor do mar,
a carícia das algas, a cor das pérolas,
o aroma floral da mata verde amanhecida,
a radiosa beleza de quem andou
absorvendo, embriagada de música, a natureza.
Quero molhar os pés na água fria dos arroios límpidos,
vestir-me com as penas dos pássaros coloridos
na ilusão de que me enfeito
com a iluminura sangrenta das auroras.
Quero o murmúrio sonoro dos igarapés,
as sombras esguias das palmeiras altas,
a doçura dos frutos amadurados,
a maciez dos musgos e das praias,
o abraço passional dos cipós floridos.
Quero ir à festa panteística da luz matinal
onde alma e nervos,
sonho e sentidos
vibram na apoteose máxima da vida.
Quero gozar a delícia dos ventos
que trazem reminiscências geladas dos Andes,
de calores enluarados de noites tropicais,
do perfume agreste de selvas amazônicas,



do gosto salino do mar.
Quero viver em plenitude
a vida que se espalma radiosa no meu ser
e vem como num alude
soterrar todas as mágoas.

Poema de alegria pagã

Diante da natureza nua,
do mar aberto em esmeraldas desfeitas,
do horizonte sem-fim,
policromo e ardente,
danço, vestida de alegria
na fulguração das alvoradas radiosas,
a dança das revelações telúricas.

Sou a um tempo a amante do sol
e a sacerdotisa da luz.

E só o mar
compreende o sortilégio
da minha dança frenética,
só ele adivinha a realidade profunda
dos meus gestos.

o sentido augural dos passos silenciosos
com que celebro o rito pagão
das harmonias interiores.

E diante do mar tinto de esmeraldas,
ouvindo o clamor clangoroso das ondas,
ofereço à vida em plenitude
o esplendor verânico do meu corpo
e a flama da minha alma,
no ritmo das atitudes sagradas...

E o mar,
só o mar, síntese da vida inquieta,



artista maravilhoso da beleza e da morte,
sente o fascínio e a glória
de minha dança
que, sendo vertiginosa e transitória,
trai o segredo das sensações eternas,
das revelações telúricas.

Marítimo

Tu vieste do mar...
Tens os braços mais fortes
que os tentáculos do polvo,
conheces a barcarola das espumas
e tens gestos de onda brava.
Tu vieste do mar...
Tens nos olhos noites largas
e quando me falas,
a tua voz
– carícia de brisa, clarão de luar –
embala
e incendeia
o meu corpo liso como água
e branco como areia.
Tu vieste do mar...
Quando me viste,
as tuas mãos de coral
algemaram as minhas mãos
num entusiasmo emocional,
e a tua alma de oceano
rebelde, indomável,
prendeu-se ao meu pensamento
e aos meus poemas de harmonia clara,
enquanto os teus braços,
mais fortes que os tentáculos do polvo,

envolviam num abraço triunfal
o meu corpo de Iara.



Teu beijo

Leve,
nervosa,
aromal,
minha mão – mariposa da inquietude –
pousou na tua boca.
As palavras morreram
em surdina nos teus lábios
e apareceram radiosas nos teus olhos.
Ligeira,
leve,
comovida,
fugiu de tua boca
minha mão enlanguescida
– mariposa da luz e do desejo –
meus dedos trouxeram
o morno perfume de teu hálito
e a música silenciosa de teu beijo.

Novo mundo

Abri a sensibilidade
à beleza ignota e à força cômica do Continente Novo
e admirei todo o esplendor fabuloso da América
palpitando
nos gelos das cordilheiras andinas,
na paisagem tropical dos campos férteis
nas florestas intfnitas da Amazônia,
nos escombros ciclópicos da civilização incaica
na alegria potâmica dos dois grandes mares
e nos músculos de bronze dos homens da Raça Jovem.
Senti todo o realismo da vida universal,
da vida unânime do mundo
latejar
revelada
no horizonte americano.
Escutei vozes telúricas,
trompas heroicas,
tropéis dinâmicos,
tambores sensacionais
rufando
anunciando
a marcha vitoriosa, a marcha triunfal do Povo Único.
Meu pensamento
aflito e orgulhoso
cingiu, então, a alma toda da América

e aprofundou com volúpia
longamente
sequiosamente
a carne virgem da terra fértil e sonora
na ânsia de trazer
dos abismos misteriosos,
imperscrutados,
a seiva moça e sadia com que celebrará
em poemas ardentes,
em ritmos fecundos
a glória da Nova Criação!

Acalanto

Tua alma e teu corpo de nômade
estão cansados dos longos passos.
Fecha os olhos.

Deita na rede branca de meus braços,
que eu te adormecerei
numa canção de amor.

Ouvindo a minha voz,
sentirás a emoção da minha ternura
e compreenderás, encantado,
que o meu amor por ti ainda perdura
novo e belo

como um dia claro de verão.

Deita em meus braços
que eu te embalarei.

Meu carinho não terá a volúpia das ondas
amedrontando a fragilidade das jangadas
será sutil, igual à música das fontes abandonadas,
no silêncio esquecido dos jardins que perderam
[o esplendor.

Fecha os olhos...

Na rede branca dos meus braços,
dorme, meu amor...

Divino delírio

Deixa-me beber nas tuas mãos
o doce veneno da emoção.

Tenho sede de pranto e de riso.

Meu íntimo, um dragão perverso
pedindo sensações
que o deixem vibrátil como um guiso,
sonoro como um verso.

Nos teus pulsos
as veias estilizam desenhos requintados:
vejo orquídeas abertas.

pássaros azuis,
cipós re torcidos,
flechas de sol.

Mata minha sede!

Dá-me as conchas carnavais de tuas mãos.

Acalma minha tortura,
quero embriagar-me de sonho
e subir com o pensamento
para a radiante vertigem da altura.

Tenho sede de rubro:
de incêndios

rubis

alvoradas.

Tenho ânsia de beber nas tuas mãos morenas
o sangue das estrelas,

das auroras
das verbenas.

Deixa-me absorver na tua mão
o vinho miraculoso
da vida criadora da beleza e da emoção!

Carícia

Despetalei-me sobre a tua vida
numa girândola eterna
de carícia e perfume.

Minha fragrância de pomar em flor
despertou teus sentidos
para a festa verânica do amor.

Despetalei-me sobre a tua vida
num clarão sugestivo de manhã doirada.

Aflitivos, ergueram-se teus braços,
tuas mãos morenas foram as taças
em que mergulhei meu corpo de alvorada.

Fiquei no teu sonho
com a beleza e a volúpia da vitória-régia
a florir dento d'água triunfal e serena.

Fui luminosidade, ritmo, alegria, afago, langor.

Despetalei-me sobre a tua vida
numa vertigem colorida
de harmonia e amor.

Promessa em cartiga

Quando vieres novamente, meu amor,
vestirei roupas leves, transparentes e azuis
que lembrem a água imóvel
dos grandes lagos.

Assim, quando me vires,
lembrarás que uma flor caída na água serena
tem a leveza de um beijo
e deixarás que a tua carícia
caia sobre mim
como uma chuva de pétalas macias,
e o teu desejo
que é volúpia e afago,
fique boiando no meu corpo,
como um simbólico peixe de sol
na água azul de um grande lago.

Meu humano espelho

És o meu humaníssimo espelho,
o lago em que me debruço
numa languidez enamorada de narciso.

Em ti eu vejo
meus traços, gestos, pensamentos,
os mínimos reflexos do meu requinte.

Com a mesma emoção
com que percebo
os frêmitos do amor estuante e profundo,
sinto na tua vida
o meu alongamento.

Descubro na tua sensibilidade
a música fulgurosa, viva, sensual
da minha sonora alegria.

És para mim
o ritmo da dança emotiva
o vinho da festa espiritual,
a síntese suprema dos meus surtos e desmaios,
a luz meridiana

que me ofusca e deslumbra:
és o meu humaníssimo espelho,
a minha ascensão humana!

Narcisismo

O que eu amo em ti
não é o teu corpo de atleta pagão
ao sol das praias livre e bonito,
a tua inteligência e a tua força.
Amo em ti a minha própria presença,
a continuação de minha alma nos teus gestos,
a liberdade do meu pensamento nas tuas ideias.
Amo-me em ti porque tu és o Amor.
Sou uma enamorada de mim mesma,
da beleza e da graça que me destes
quando ressurgiste em mim
a mulher que eu havia esquecido de ser.
Amo-me em ti
como se fosses o meu espelho.
Amo-me em ti
porque percebo nos teus sentidos a minha presença
e vejo atônita
no luzidio azulado dos teus olhos
a minha imagem vitoriosa.
Amo-me em ti,
adoro-me no teu corpo e na tua sensibilidade,
porque foste tu mesmo
na expressão do teu amor
nos longos e contemplativos silêncios comovidos,
na carícia doce das tuas mãos febris

que me ensinastes a entoar
um hino de louvor a mim mesma.

Uma vez mais, somente

Antes que tudo termine,
que as águas profundas do esquecimento
inundem as memórias e as distâncias,
que o tempo envelheça na continuidade dos dias
quero ir ao teu encontro
e dizer uma vez mais, uma vez somente
que te quero, que te reclamo, que te desejo,
que és a realidade do meu sonho,
o criador do desesperado anseio
que saíra voluntosa
no encantamento de me dar à magia do teu capricho,
de me despetalar como uma flor
ao amor do teu amor.

Antes que a primavera do meu corpo se consuma
na antevéspera dos dias outonais
quero te dar a seara da minha ternura,
quero ser tua, simples e humana,
sem a desesperação das lágrimas e das renúncias,
sem a estreiteza das horas voando
no tumulto das mágoas insofridas.

Quero que escutes o hino da alegria,
alegria de dizer, tu és meu,
alegria maior, mais alegria ainda de dizer, eu sou tua.

Quero que absorva os teus sentidos
a lembrança do aroma do meu corpo nos teus braços,

a calidez do meu corpo junto a ti
como se a vida tivesse parado lirica e bela
nesse momento de suprema integração.
Antes que a grande noite se aproxime,
quero ir ao teu encontro
e dizer uma vez mais, uma vez somente,
que eu quero ser tua como a luz é do sol.



**GRÁFICA
MODERNA**
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA